

# ED SADE

«em duas palavras o que eu sou»

Algumas cartas da prisão I



J'ai vécu très exactement en  
maudite maison. Ce qui prouve  
que tu m'as vuiger elle me  
l'espérer, ne laisse pas que de  
l'attendant du temps énorme  
de la prison No 42  
et ne me plus possible de  
je vois bien que vous vous  
me pour souvenez-vous  
me, et que cet jusqu'au bout  
me mieux que vous travail  
petit persiflage aussi de pla  
étrange que de le laisser. Sur  
celement pas fait pour vous  
comme vous m'avez été  
chands de ma part. Pourquoi  
ce soir quand ce fatal in  
ou qu'il est dire et faire  
vous cruel. Vous répondre  
me pardonner votre veche  
à bonnet et de si vous parlois  
est prouve que vous l'avez  
et vous dites que dans cette le

Al

T  
P

«O mal atinge o auge apenas quando os que mandam perderam a vergonha, porque, justamente, é nesse momento que os que obedecem perdem o respeito.»

Paul de Gondi, cardeal de Retz

Donatien Alphonse François  
de Sade

«em duas palavras o que eu sou»

[algumas cartas da prisão]

tradução e notas de  
Helder Moura Pereira

Lisboa MCMXCVI

EIS uma escolha sobre a escolha epistolográfica que Gilbert Lely revelou nos anos 50-60. É uma fala do transgressor, Donatien Alphonse François, marquês de Sade, contra o tirano (e depois, após a Revolução, também contra a tirania popularizada). Mais apropriadamente: uma chacota. E não foi por entrar na sóbria Pléiade («L'enfer sur papier bible», anunciava o editor) que se lhe escamoteou a razão e o fel! Cartas da prisão, por vezes duplas na escrita, aberta, a tinta preta, e fechada a sumo de limão, para logro dos censores. Concentrámo-la, a escolha, nalguns excepcionais momentos em que Sade, sem subterfúgios, altivez laminar, afronta uma sociedade que faz lei dos salamaleques e do embiocado enquanto vai remetendo servos e insolentes para o degredo nas colónias ou para a segura distância nos calabouços.

«Porque Sade pagou caro» – largamente nos socorremos de um ensaio de Jean Paulhan. – «Passou trinta anos de vida nas diversas bastilhas, fortalezas ou torreões do Reino, e, a seguir, da República, do Terror, do Consulado e do Império. ‘O mais livre espírito que até hoje se viu’ – dizia Apollinaire. Seja como for, o mais encarcerado dos corpos. Por vezes chegou a dizer-se que há uma só chave para todos os seus romances: a crueldade (o que é

uma perspectiva demasiadamente simples, segundo penso). Com uma certeza bastante maior, em todas as suas aventuras e em todos os seus livros se encontra um fim único que é a prisão. E em tantas prisões e encarceramentos até há, de facto, um mistério.

«Coloque-se o crime perante o castigo. Parece garantido que Sade deu uns açoites a uma puta de Paris: será que isso vale um ano dentro de uma torre? Pastilhas de Richelieu<sup>1</sup> a algumas raparigas de Marselha: será que isso vale dez anos de Bastilha? Seduziu a cunhada Louise: será que isso vale um mês de Conciergerie? Não pára de molestar os seus poderosos e temíveis sogros, o presidente e a presidente de Montreuil: será que isso vale dois anos de fortaleza? Ajuda alguns moderados (estamos em pleno Terror) a evadir-se: será que isso vale um ano de Madelonnettes? É ponto assente que publicou livros obscenos, que implicou com a corte de Bonaparte; não é impossível que tenha simulado loucura: será que isso vale catorze anos de Charenton, três anos de Bicêtre, um ano de Saint-Pélagie? Como poderemos defender-nos de ter a sensação de que os vários governos da França – e quantos por lá passaram! – achavam bons todos os pretextos para o encarcerar? E quem sabe lá se também ele próprio, para fazer com que o encarcerassem? Por agora deixemos isto. Pelo menos um ponto é garantido: sabemos que Sade correu os seus perigos; que os aceitou – que os multiplicou. Ao lê-lo também sabemos que corremos possivelmente os nossos.

[...]

«Toda a gente disse, e terei de concordar, que há em Justine torturas de mais – e em La Nouvelle Justine ainda cem vezes mais. Muitos tratos de polé e espadas, patíbulos e roldanas,

<sup>1</sup> Simples bombons de cantáridas. (NdA)

varas e chicotes. Não sejamos, porém, hipócritas. Na nossa literatura europeia existe uma outra obra, e muito estimada, que só ela contém (gravuras incluídas) ainda mais torturas do que a obra de Sade inteira, e nessas torturas mais requinte, e nesse requinte mais obstinação: não trinta ou quarenta, mas cem mil mulheres envoltas em palha seca e a arder em fogo lento (previamente amordaçadas para os gritos se não ouvirem tanto); e outras mulheres esquartejadas em leitos com pregos, violadas à frente dos maridos empalados; e príncipes e princesas a grelhar lentamente em carvões rubros; e camponesas acorrentadas (essas ovelhas mansas, diz o autor) que são deixadas a morrer de fome enquanto apanham pancada e são chicoteadas. No fim de tudo isto as vítimas não se contam às dezenas (como em La Nouvelle Justine) mas aos milhões. Para ser muito exacto, vinte milhões segundo o autor. Autor este que é respeitável e há, de resto, historiadores dignos de fé (como Gomara ou Frei Luis Bertram) que confirmam tais ditos a mais milhão, menos milhão, pois não se trata, de forma alguma, de romance, mas reportagem pura e simples: a Brevíssima Relação da Destruição das Índias do padre Bartolomé de Las Casas, que ninguém acusará, certamente, de querer espicaçar os nossos maus instintos. Por outro lado, os soldados espanhóis que partiam para o Novo Mundo não eram escolhidos pela crueldade: eram curiosos; simples aventureiros como vós e eu. Mas, o quê! Deixavam povos ficar à sua mercê!

«Que o homem possa sentir um prazer muito forte em cortar o homem (e a mulher) aos pedaços; e antes de mais imaginar – sobretudo imaginar, talvez – que os corta, é negável evidência que uma qualquer cobardia geralmente nos faz ocultar. Não percebo isto muito bem, pois nada encontro no facto que incommode, seja de que forma for, a fé cristã – aliás, nem a muçulmana nem a taoista –, já que a partir de certa altura, garante

ela, o homem separou-se de Deus. E quanto ao descrente, com que direito se recusaria a avaliar sem preconceitos um tal homem?»

Mas já voltaremos a Paulhan. Importa, entretanto, ter em atenção um fragmento de outro ensaísta: Pierre Klossowski.

«A Revolução, parece, só pôde eclodir graças a uma vasta combinação de reivindicações contraditórias: se, inicialmente, as forças psíquicas presentes se identificaram umas com as outras, jamais a sua mobilização unânime se produziu. Foi mercê de uma espécie de confusão de duas categorias diferentes de reivindicações que a atmosfera subversiva conseguiu criar-se. Com efeito, há dois grupos concorrentes: por um lado, a massa amorfa dos homens médios que exigem um regime social onde a ideia de homem natural possa ser posta à prova – sendo o homem natural apenas a idealização do homem banal, ideal que exerce sobretudo a sua atracção sobre esta porção do povo que até então vivera abaixo do nível do homem banal –; por outro lado, uma categoria de homens que, pertencendo às classes dirigentes e a um nível de vida superior, puderam desenvolver, devido à própria iniquidade desse nível de vida, um supremo grau de lucidez. Esses homens, grandes burgueses ou aristocratas esclarecidos, espíritos sonhadores ou sistemáticos, libertinos mentais ou praticantes, puderam objectivar o conteúdo da má consciência: sabem o que a sua existência tem de moralmente aleatório, tal como a estrutura problemática que intimamente desenvolveram. Ora, se uns desejam regenerar-se no decurso da reviravolta social e aí encontrar uma solução pessoal (é o caso de Chamfort), outros, pelo contrário, sonham sobretudo em fazer admitir como uma necessidade universal a estrutura problemática que lhes é própria e esperam que a Revolução acarrete consigo a refundição

total do homem. É pelo menos o caso de Sade, que é perseguido pela imagem do homem integral de sensibilidade polimorfa.

«No decurso da Revolução há um período de incubação colectiva durante o qual as primeiras transgressões a que as massas se entregaram levam a crer que o povo se tornou capaz de todos os géneros de aventuras. Esse período de regressão psíquica, absolutamente provisório, tem como consequência mergulhar os espíritos libertinos numa espécie de euforia: as mais ousadas elaborações do pensamento individual têm algumas possibilidades de se traduzir em experiência. O que tais espíritos amadureceram em virtude do grau de decomposição que individualmente atingiram, parece-lhes agora ser possível semear em terreno fértil. Não podem aperceber-se de que, pelo contrário, eles são o fruto já apodrecido que, de algum modo, se dessolidariza da árvore social; vão cair porque são o fim, não o começo, o fim de uma longa evolução; esquecem que o solo só aceita a semente, isto é, a parte de lição universal que comporta o exemplo deles para a posteridade. O sonho de darem nascença a uma humanidade idêntica a eles, está em contradição com o próprio fundamento da sua maturidade ou da sua lucidez; e só no decurso de crises semelhantes às que eles atravessaram é que outros indivíduos, resíduos como eles do processo colectivo, poderão alcançá-los em grau de lucidez e, então, estabelecerem uma filiação verdadeira.

«À medida que as decisões brutais e imprevisíveis da massa intervêm, que as hipóteses das novas facções ganham vulto e se tornam leis, enquanto as instâncias morais e religiosas da antiga hierarquia se esvaziam de conteúdo, os homens problemáticos encontram-se subitamente desenraizados, desorientados: é que eram intimamente solidários dos valores sagrados que conspurcavam; é que a sua libertinagem só adquiria significado no nível de vida que eles ocupavam na sociedade decaída. Agora que o

trono se desmoronou, que a cabeça decapitada do rei é escarnecida, que as igrejas são saqueadas e o sacrilégio se tornou prática em massa e quotidiana, tais imoralistas fazem figura de originais, aparecem como verdadeiramente eram: sintomas de desagregação que conseguiram o paradoxo de sobreviver a essa desagregação sem poderem integrar-se no processo de recomposição que as hipóstases do Povo soberano, da vontade geral, etc., estão efectuando nas consciências. Bastaria que tais homens se colocassem frente ao povo e diante dele defendessem como sistema a necessidade absoluta do sacrilégio, do massacre, da violação, para que a massa, que precisamente acabava de cometer todos esses delitos, se voltasse contra esses filósofos e os reduzisse a estilhas com não menor satisfação.

«Parece, à primeira vista, que há aqui uma questão insolúvel: o homem privilegiado, tendo atingido um supremo grau de consciência mercê da reviravolta social, está na absoluta incapacidade de fazer com que as forças sociais beneficiem da sua própria lucidez. Por outras palavras: esse homem é incapaz de tornar semelhantes a si, momentaneamente que seja, os indivíduos da massa amorfa mas rica de potencialidades; a posição moralmente avançada que ele ocupa parece sê-lo em detrimento da massa revolucionária. Ora, do ponto de vista da sua autopreservação, as massas têm razão: de cada vez que o espírito humano toma o aspecto incisivo de uma fisionomia como a de Sade, arrisca-se a precipitar o fim de toda a condição humana; mas não está correcto, visto que são indivíduos que a compõem, e o indivíduo representa intrinsecamente a espécie, não se compreendendo por que é que a espécie deveria escapar aos riscos que comporta para ela o sucesso de um indivíduo.

«Quanto mais sucesso é alcançado por esse indivíduo, tanto mais ele concentra as energias difusas da sua época e tanto mais perigoso ele é para ela; mas quanto mais ele concentrar em si as

energias difusas para as fazer pesar sobre o seu destino, tanto mais ele libertará a época. Sade fez da criminalidade virtual dos seus contemporâneos o seu destino pessoal, quis expiá-la sozinho na proporção da culpabilidade colectiva que a sua consciência assumiu.

«Saint-Juste, Bonaparte, pelo contrário, souberam descarregar sobre os semelhantes tudo o que a época acumulara neles. Do ponto de vista das massas, eram homens perfeitamente sãos; e sabedores de que o melhor indício da saúde de um homem é reconhecido pelas massas na sua resolução em sacrificá-las. Sade, ainda na perspectiva das massas, é um homem evidentemente malsão: longe de encontrar qualquer satisfação moral no desencadeamento revolucionário, esteve quase a sentir a carnificina legalizada do Terror como uma caricatura do sistema por si preconizado: ao ser preso em Picpus, sob a vigência de Robespierre, descreve nestes termos a sua estadia: 'Um paraíso terrestre; bela casa, soberbo jardim, sociedade escolhida, mulheres admiráveis, senão quando eis que o lugar das execuções é colocado mesmo sob as nossas janelas e o cemitério dos guilhotinados no centro do nosso jardim. Nós, meu caro amigo, retirámos 1800 em cinco dias, dos quais um terço da nossa desventurada casa.' (29 Brumário, ano III)

«E mais tarde: 'Com tudo isso não me sinto bem, a minha detenção nacional, a guilhotina debaixo dos olhos, fazem-me cem vezes pior do que todas as Bastilhas imagináveis.' (2 Pluvioso, ano III) Daí, também, a necessidade de sempre exorbitar nos seus escritos. Não foi só porque teve, enfim, o direito de dizer tudo: foi por ter de algum modo a consciência segura de haver infligido um desmentido às verdades proclamadas pela Revolução que elaborou, então, a versão mais virulenta da Justine. Era preciso que o impulso secreto da massa revolucionária fosse posto a nu. Mas tal não acontecia nas manifestações políticas, pois

quando se espancava, afogava, enforcava, pilhava, incendiava ou violava, era sempre e só em nome do Povo soberano.

«A perseverança de Sade, durante toda a vida, em não estudar senão as formas perversas da Natureza provará que uma única coisa lhe importava: devolver ao homem todo o mal de que este é capaz. O Estado republicano pretende existir para o bem público: mas, sendo evidente que não consegue fazer reinar o bem, ninguém suspeita que, no fundo, ele abriga os germes do mal. A pretexto de impedir a eclosão destes germes, o novo regime social tem a pretensão de ter vencido o mal, e é isso, precisamente, que constitui uma perpétua ameaça: o mal que a qualquer instante pode irromper, embora jamais irrompa. Esta oportunidade do mal que jamais irrompe mas que pode fazê-lo de um instante para o outro, esta oportunidade constitui a angústia permanente de Sade. Então é necessário que o mal irrompa de uma vez por todas, é necessário que o joio grasse para que o espírito o arranque e o consuma. Numa palavra, é preciso fazer o mal reinar no mundo de uma vez por todas a fim de destruir-se a si próprio, e que o espírito de Sade encontre então a paz. Mas não é possível pensar nessa paz; é impossível pensar nela um instante sequer, pois cada instante está repleto da ameaça do mal, enquanto, por seu turno, a Liberdade, pretendendo existir para o bem, se recusa a reconhecer que não vive senão pelo mal.

«Sade deve, necessariamente, considerar a Revolução jacobina como um detestável concorrente que deforma as suas ideias e compromete a sua empresa: se Sade queres instaurar o reino do homem integral, a Revolução quer fazer singrar o homem natural. Para esse homem natural a Revolução mobiliza todas as forças que, no fundo, pertencem ao homem integral e deveriam contribuir para o seu florescimento. Não há pior inimigo do homem integral do que Deus. Ora, matando o rei, representante

temporal de Deus, mata-se ao mesmo tempo Deus nas consciências, e este assassinio incomensurável só pode ter um efeito incomensurável: o advento do homem integral. Assim leva o homem integral o ferrete do crime, do mais temível de todos os crimes: o regicídio. 'Aqui apresenta-se uma reflexão muito singular', escreve ele, 'mas como é verdadeira, apesar da sua audácia, eu a enunciarei. Uma nação que começa a governar-se em república só se aguentará apoiada em virtudes, pois que, para atingir o mais, é preciso começar sempre pelo menos. MAS UMA NAÇÃO JÁ VELHA E CORROMPIDA QUE, CORAJOSAMENTE, SACUDIR O JUGO DO SEU GOVERNO MONÁRQUICO PARA ADOPTAR UM REPUBLICANO, SÓ SE MANTERÁ COM MUITOS CRIMES, PORQUE JÁ ESTÁ NO CRIME, e se ela desejasse passar do crime à virtude, isto é, de um estado de violência para um estado de doçura, cairia numa inércia cujo resultado seria, em breve, e sua ruína certa.'

«Para Sade a Revolução que a nação velha e corrompida atravessa não poderia ser, pois, de modo algum, uma oportunidade de regeneração. Uma vez a nação expurgada da sua classe aristocrática, não se trata, de maneira nenhuma, de inaugurar a idade feliz da inocência natural reencontrada. O regime da liberdade, para Sade, não deverá ser – e não será de facto – nem pouco mais ou menos a corrupção monárquica levada ao cúmulo. Uma nação já velha e corrompida, quer dizer, que já atingiu certo grau de criminalidade, sacudirá corajosamente o seu jugo monárquico, quer dizer, que o grau de criminalidade a que fora conduzida pelos seus antigos senhores pô-la-á em condições de perpetrar o regicídio, a fim de adoptar um governo republicano. Ou seja: um estado social que a perpetração do regicídio terá feito aceder a um grau de criminalidade redobrada. A comunidade revolucionária será, portanto, no fundo, secreta e intimamente solidária com a desagregação moral da sociedade monárquica, pois que foi graças a essa desagregação

que os seus membros adquiriram a força e a energia imprescindíveis às decisões sangrentas. Ora o que pode significar aqui corrupção, senão o avançado grau de descristianização da sociedade contemporânea de Sade, a prática do arbitrário tanto mais irrefreável quanto se baseava no ateísmo, ou, pelo menos, no cepticismo mais profundo?

«À medida que o cepticismo moral, que o ateísmo de provocação ou por convicção se espalham na sociedade monárquica, esta chega a um estado de decomposição tal que as relações feudais entre senhor e servo, consagradas pela hierarquia teocrática, estão já virtualmente cortadas. A antiga relação escravo/senhor restabelece-se de facto.»

E de novo Jean Paulhan, a fechar: «Sade tornou-se escritor na prisão. É claro que já tinha feito, aqui e além, alguns ensaios. Umas versalhadas, como costuma dizer-se; no género trovador (realmente, é provençal). No cárcere, porém, tudo isto se fez acompanhar por uma espécie de revelação.

«Mesmo que o fizéssemos com precaução, seria impossível evocar toda a amplitude de uma obra perseguida e da qual nem conhecemos um quarto – o resto foi queimado, guilhotinado, perdido. Pensemos antes, se quisermos imaginar a fúria – a raiva – que Sade põe no acto de escrever, no romance Infortunes de la Vertu cujo plano de pormenor ele estabelece e depois escreve uma primeira, uma segunda, uma terceira vez, em todas corrigindo cada pormenor, todas as frases: ou melhor, reinventando-as. E a segunda versão surgirá com o dobro da primeira; e a terceira – quinhentas páginas! – com o triplo da segunda. É pior do que um vício ou uma droga. É coisa que revela, ao mesmo tempo, paixão e dever. Ora acontece, depois de livre, que tudo conspira contra ele: a política, os filhos, os negócios. Como viver

da escrita? Parasita, chulo, chantagista, como bem sabemos todos os meios são bons para quem sente necessidade de escrever. E o desgraçado que arranja – para ser independente, diz ele – um ‘segundo emprego’ qualquer (mas qual era o primeiro, na verdade?), não terá muito mais – jornalista, funcionário, agente de seguros – do que um recurso: fazer-se doente. Quanto a Sade, faz-se culpado. Naquele ano estão a meter na prisão os revoltados? Pois será um deles. Os indulgentes? ‘Se para aí me der, tenho a liberdade de deixar que esses cretinos actuem à vontade.’ Os conspiradores? Por que não? Os ímpios e os libertinos? São mesmo o meu género. Quando o resto falha, resta sempre a loucura. É que nos manicómios e nas bastilhas do século XVIII (bem vistas as coisas, uma situação bastante suave para um aristocrata cujas culpas se não conhecem muito bem) há possibilidade de ler, há toda a possibilidade de escrever – com a fúria que é viver na prisão a ajudar. ‘Aquele, acolá, de onde veio?’, perguntam os guardiães de Sade uns aos outros. ‘– Parece que conspirou contra Deus.’ ‘– Não me digas...’

«[...] Acontece a um homem almejar a fama, o amor, a independência com tão grande força que ultrapassa o seu objectivo; fá-lo com tão viva e tão ciosa paixão que consegue bem depressa desprezar o seu primeiro fim. O quê! A glória era afinal aquilo: falatório nos jornais, eleições na Academia, entrevistas e aquela canção popular cujo autor deixou de estar na memória das pessoas? A liberdade eram aqueles (magros) aplausos da plateia; aquelas aprovações desconfiadas; aqueles votos que amanhã hão-de virar-se contra nós? Não, nem sequer orgulho chegaria para nos contentarmos com isto. Só vaidade, e da mais rasteira. Vaidade e não sei bem que gosto pela trapaça, que vontade de ser enganado. É nesta altura que as forças da alma mudam misteriosamente de sentido e o conquistador sente que foi vencido pela conquista; e o apaixonado foge da amante,

e a miséria surge ao avarento como sinal, por excelência, das fortunas. O glorioso goza e ao mesmo tempo exaspera-se com o silêncio que à sua volta fazem as suas pretensões insensatas; o amante da liberdade regressa à prisão. Realmente enojado.»

### frenesi<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Escolha de cartas da responsabilidade do editor; prefácio-montagem de citações retiradas a dois importantes livros sobre o marquês: *O Marquês de Sade e a Sua Cúmplice...* de Jean Paulhan (Hiena ed., Lisboa 1992) e *Sade, Meu Próximo* de Pierre Klossowski (Moraes ed., Lisboa 1968).

## CARTAS

## A MADAME DE SADE

(Vincennes, 18 de Abril de 1777)

Tem razão quem diz, minha querida amiga, que os edifícios erguidos na situação em que me encontro não passam de construções de areia, e que todas as ideias que nela se possam formar não são senão quimeras que, mal se concebem, logo ficam destruídas. Das seis orientações a que me propus e em relação às quais acalentava esperanças de próxima evolução, não resta, graças a Deus, uma única. A tua carta de 14 de Abril fê-las desaparecer, tal como os raios do sol dissipam o orvalho da manhã. Mas em contrapartida encontrei nela a frase consoladora de que *«posso ter a certeza absoluta em como não ficarei aqui nem um minuto a mais do que for necessário»*. Não conheço na vida nada mais tranquilizador do que esta expressão, de modo que se for necessário aqui ficar seis meses, pois seis meses ficarei. É muito agradável e na verdade os que te orientam o estilo bem podem elogiar-se pelos progressos que tu fazes nessa sua profunda arte de tornar ainda maior a ferida dos infelizes. Na verdade é impossível fazer melhor. Aviso-te porém de que será muito difícil resistir por muito mais tempo à vida cruel que levo. Disso me apercebo e prevejo que aqueles que usaram para comigo um excesso de rigor tão deslocado e tão pouco adequado ao meu ser hão-de ter

muitas oportunidades de se arrepender. É para meu bem, dizem eles. Frase divina onde se reconhece bem a linguagem comum à *imbecilidade triunfante*. É para o bem de um homem que o põem na iminência da loucura, é para seu bem que destroem a sua saúde, é para seu bem que o alimentam com as lágrimas do desespero! Confesso que ainda não fui suficientemente feliz para poder compreender e sentir um bem como esse... Enganai-vos, dizem-vos com ar grave os tolos: *vai fazê-lo reflectir*. E é verdade que faz mas queres saber qual a única reflexão que esta infame brutalidade fez nascer em mim? A que, bem gravada na minha alma, me diz para, assim pudesse, fugir de um país onde não se considera que os serviços prestados por um cidadão sirvam de compensação para um erro ocasional, onde a imprudência é punida como crime, onde uma mulher que domina a intriga e o ludíbrio achou o segredo de submeter a inocência aos seus caprichos, ou antes, de ocultar, por poderoso e particular interesse, o cerne verdadeiro de toda a questão, e ir para bem longe dos que vexaram e dos cúmplices desse vexame, ir procurar um país livre onde, servindo o príncipe que me desse asilo, eu pudesse obter dele o que não pude obter na minha pátria... justiça e paz.

São apenas estas, minha querida amiga, as únicas reflexões que agora tenho e só anseio pelo feliz momento de as pôr em prática. Induziram-nos em erro, dizes tu. Mas não falemos disso... Asseguro-te de que nem por um minuto fui enganado e tu lembrar-te-ás da *cambada de canalhas* que instantes antes te invadiram o quarto – não exibiram nenhuma ordem do rei, contudo diziam que em seu nome me vinham prender – mas dizia-te eu que não debes confiar muito na carta pacificadora de tua mãe, pois se nela demonstra sentimentos, certo é que o ludíbrio faz parte do

alimento da sua alma. Não, minha querida amiga, não, posso ter ficado surpreendido mas enganado só o serei quando vir franqueza e honestidade nessa criatura, coisa que manifestamente está longe de acontecer. Ao vir para aqui, segui o que disse César: *«mais vale uma pessoa expor-se uma só vez na vida aos perigos em que acredita do que viver na perpétua cautela de evitá-los»*. Esta maneira de ver conduziu-o ao Senado, onde sabia perfeitamente que os conjurados o esperavam. Eu fiz o mesmo e, tal como ele, serei maior na minha inocência e na minha franqueza do que eles na sua baixeza e nos secretos rancores que os animam. Perguntas-me como estou. Mas de que serve dizer-te? Se o fizer, a carta não te chegará. Mas haja o que houver responderei, não acreditando que se possa ser tão injusto quanto ser-me proibido responder a perguntas que te foi permitido fazeres. Estou numa torre, guardado por dezanove portas de ferro e recebendo o dia através de duas pequenas janelas, cada uma delas guarnecida por uma vintena de barras. Durante o dia tenho cerca de dez a doze minutos a companhia de um homem que me traz comida. O resto do tempo passo-o sozinho e a chorar... É assim a minha vida... É assim que se mostra a um homem o caminho do bem neste país. Quebrando-lhe todos os laços com a sociedade quando, muito pelo contrário, dela o deveriam aproximar, conduzindo-o de volta a esse caminho, já que dele terá tido a infelicidade de se desviar. Em vez de ajuizadas opiniões e bons conselhos, tenho o meu desespero e as minhas lágrimas. Sim, minha querida amiga, é esta a minha situação. Como queres tu que a virtude não enfeite quando vo-la pintam com tão divinas cores! Quanto ao modo como sou tratado, haverá decerto alguma decência no meio de tudo isto... mas com tantas pequenas misérias e

tantas infantilidades que, quando aqui cheguei, julguei que me tinham levado para a ilha dos liliputianos, onde os homens não medem mais do que oito polegadas e têm maneiras de agir análogas ao seu tamanho. A princípio deu-me vontade de rir, sem imaginar que pessoas que até me pareciam sensatas pudessem fazer tais disparates. Depois impacientei-me. E acabei por me convencer de que não tenho mais do que doze anos – é mais honesto do que estar convencido de que são os outros que têm essa idade – e essa ideia do regresso à infância atenuou um pouco o desgosto que sem isso sentiria, dada a sua condição, um homem de razão. Mas coisa interessante e de que já me esquecia é o modo como aqui se lê o mais pequeno traço da fisionomia, para logo transmitir a quem de direito. A princípio cai no logro quando a minha alma, que apenas se pauta pelas tuas cartas, indiscretamente mostrou o prazer que sentia ao ler um bilhete teu. Os que o perceberam fizeram-me imediatamente sentir o disparate que tinha cometido! Agora decidi tornar-me tão falso quanto os outros e mostro-me de tal forma que nem o mais arguto poderá adivinhar os meus sentimentos. E aí tens, coração meu, uma virtude adquirida neste entretanto! Desafio-te agora a dizeres que não se aprende nada na prisão! Em relação aos passeios e aos exercícios que me aconselhas a fazer, de facto parece que me imaginas numa casa de campo onde posso fazer o que me apetece... Quando se vai verter águas, passa-se *uma hora* numa espécie de cemitério de cerca de quarenta pés quadrados, rodeado por muros de mais de cinquenta – e esta agradável benemerência nem sequer é concedida tantas vezes quanto seria de desejar. Sabes bem – ou devias saber no momento presente – os inconvenientes que adviriam por se deixar a um homem a liberdade que se

dá aos animais: só lhe restaria enveredar logo pelo bom comportamento. Mas que diabo fariam dos seus projectos aqueles cuja única finalidade consiste em destruí-los? Há sessenta e cinco dias que aqui estou e apenas respirei o ar do dia por cinco horas, em cinco vezes diferentes. Compara isso com o exercício que tu sabes que eu costumo fazer, e que me é absolutamente necessário, e avalia depois o meu estado! Dá origem a dores de cabeça horríveis que nunca me largam e que me consomem, dores musculares medonhas, afrontamentos e uma total ausência de sono, o que me poderá levar mais cedo ou mais tarde a uma doença grave. Mas que importa isso se a senhora presidente<sup>3</sup> está contente e se o seu estúpido marido declarou: «*É bom, é bom, vai fazê-lo reflectir!*» Adeus, coração meu, porta-te como deve ser e ama-me nem que seja só um pouco: é a única ideia que pode atenuar meus males.

Nada me trouxeram ainda para assinar. Não valia a pena terem-me feito crer na força do requerimento para acabar por não dar em nada. E, de resto, o excerto que me citas faz prever as mais longas demoras. Vou pois solicitar autorização para nomear um procurador para agir. Primeiro é preciso obter autorização, depois nomear o procurador, pô-lo ao corrente, fazer com que aja... Vê tu os atrasos, o tempo já desperdiçado! Junta a tudo isto o vagar honesto com que se afadigam em trazer-me os papéis necessários para assinar e verificarás como tudo leva uma eternidade. É verdade que o que me consola é *não ficar aqui um minuto a mais do que o tempo que for necessário!*

Mais uma vez adeus, minha querida e boa amiga. É uma carta longa que talvez nunca te chegue às mãos, porque não foi escrita *à maneira dos liliputianos*. Mas não faz

<sup>3</sup> Sade refere-se à sogra, Madame de Montreuil. (Ndt)

mal, há-de ser sempre vista e quem sabe se, de todos os que a vão ver, tu não serás aquela a quem mais directamente a dirijo?

O que me contas dos teus filhos dá-me grande satisfação. Não duvides do afecto que mostrarei ao abraçá-los, embora não possa iludir-me – pese toda a minha ternura – ao ponto de sentir que é por eles que sofro neste momento.

Ao reler esta minha carta torna-se-me claro que ela não te chegará às mãos, prova bem evidente da injustiça e do horror que me obrigam a sofrer, pois se fosse justa e normal esta minha experiência, por que me impediriam de te dizer ou de te dar conhecimento? Seja como for só te voltarei a escrever se obtiver uma resposta afirmativa da tua parte, pois de que serve escrever se não recibes as minhas cartas?

## A MINHA LONGA CARTA A MADAME DE SADE

(Vincennes, 20 de Fevereiro de 1781)

Na verdade creio, minha querida amiga, que a vossa intenção era inculcar em mim respeito igual ao que tendes pelos pequeninos deuses que adorais e que tão profundamente vos marcaram. E como vos ides pôr de joelhos perante toda essa canalha, desejaríeis que eu fizesse o mesmo! É que um qualquer \*\*\*, um qualquer \*\*\*, ou um tal \*\*\*, um \*\*\* ou um \*\*\*, um \*\*\* e um \*\*\*, fossem para mim os deuses que são para vós. Se por infelicidade tal ideia tomou conta da vossa cabeça, suplico-vos que a eliminais. A infelicidade não me levará ao aviltamento;

*Nunca entre as algemas tomei o coração de um escravo,*<sup>4</sup>

(Les Arsacides)

e isso jamais o farei. Possam estas desgraçadas algemas, sim, possam elas conduzir-me ao túmulo e sempre o mesmo me vereis. Tenho a desdita de ter recebido do céu uma alma

<sup>4</sup> *Les Arsacides* é uma peça em seis actos, todos escritos em verso, da autoria de Peyrayd de Beaussol. Foi estreada no Théâtre Français em 1775 e toma como ponto de partida a sangrenta dinastia dos Arsácidas, que reinou na Pérsia entre 250 a.C. e 227 d.C. (Ndt)

firme que nunca se submeteu e nunca se submeterá. Não tenho medo absolutamente nenhum de exasperar quem quer que seja. Apresentais-me provas mais do que suficientes de que o tempo da minha pena está decidido para que delas possa duvidar: por consequência, não depende de ninguém agravá-lo ou diminuí-lo. Mesmo que não estivesse, nunca seria de toda essa gente que eu ia depender mas do rei, de resto o único ser deste reino que respeito – ele e os príncipes do seu sangue. Abaixo deles vejo tudo tão nivelado, tudo tão prodigiosamente igual que o mais avisado, face às circunstâncias, é não me preocupar em investigar, pois encontrando-se a superioridade do meu lado, isso havia de pôr ainda mais firmes escoras no meu profundo desprezo.

Podeis ver como é inimaginável quererem tratar-me como o fazem e de ainda por cima quererem que não me queixe; porque, enfim, raciocinemos um instante: quando uma detenção tem de ser tão longa quanto esta, não será uma verdadeira infâmia querer prolongar o horror, devido ao que a vossa mãe apeteceu inventar para me atormentar aqui? Quê! Não foi suficiente ficar privado de tudo o que torna a vida doce e agradável, não foi suficiente nem sequer poder respirar o ar do céu, sentir continuamente todos os desejos quebrados contra quatro muralhas e ver passar os dias parecidos com os que nos esperam quando estivermos no túmulo? Este atroz suplício não é suficiente, para essa horrível criatura: era preciso ainda agravá-lo face ao que ela imagina serem factos evidentes, duplicar a atrocidade. Juraríeis, contudo, só um monstro ser capaz de levar a vingança a tal ponto... *É imaginação vossa, ireis dizer-me; ninguém faria uma coisa dessas; são ilusões que aparecem numa situação como a vossa.* Ilusões? Pois bem, recorro ao meu

caderno de apontamentos, onde se encontram mais 56 provas da natureza da que vos vou apontar, para dele extrair apenas uma, e vereis como só uma raiva venenosa pode congeminar as manobras levadas a cabo por tão odienta megera. Se a isso pode chamar-se ilusões...

Que ninguém duvide um só instante de que, sejam quais forem as razões que um prisioneiro tenha para acreditar na redução do seu tempo, são sempre por ele recebidas com inacreditável avidez as mais simples tentativas que lhe pareçam conduzir a uma opinião mais ajuizada: é da natureza humana, isso, não se trata de desrazão; não o podemos punir por isso mas apenas ter piedade. É portanto uma manifesta crueldade fomentar, dar origem, efectuar tentativas que o levem ao engano. Devia era haver todo o cuidado em fazer o contrário e a humanidade (a haver, neste caso, humanidade...) devia fazer com que do fundo dos corações não se pudesse [transtornar] assim o mais vivo sentimento de um infeliz; porque parece claro que não é senão de uma esperança desenganada que nascem todos os suicídios. Por isso não devemos alimentar a esperança quando não há lugar para ela e quando quem o faz é visivelmente um monstro. A esperança é a parte mais sensível da alma de um infeliz; quem lhe transmite essa esperança com o intuito de o fazer desanimar imita os carrascos do inferno que, diz-se, vão incessantemente provocando chagas sobre chagas e dedicam-se depois mais às mais abertas. É isto o que vossa mãe faz comigo desde há quatro anos: uma infinidade de esperanças mês após mês. Ao ouvir o que dizem os que aqui estão, ao analisar as vossas remessas, as vossas cartas, sinto-me sempre na véspera de algo que, quando chega, mais não é do que súbita punhalada e chorrilho de idiotias. Dá mesmo a impressão de que

a vil mulher se diverte a ver-me fazer castelos de areia só para ter o prazer de os deitar abaixo quando estão terminados. Independentemente de todos os perigos que daí advenham para a esperança, da muito grande possibilidade de a liquidar, há, confessai, o perigo bastante mais grave do derradeiro excesso do desespero; e não encontro agora razão para duvidar um só instante de que não seja esse o seu único objectivo e que, não tendo conseguido que eu morresse quando me deixou cinco anos na medonha situação em que me encontrava antes da prisão, se terá dedicado a essa tarefa, possivelmente por mais cinco anos, de maneira mais eficaz. Da infinidade de provas que acabo de vos fornecer acerca do pequeno jogo bárbaro que ela faz comigo, criando expectativas para depois as abater, dar-vos-ei uma das mais recentes, a fim de vos convencer definitivamente. Há cerca de seis meses enviastes-me uma cortina nova; supliquei que ma pusessem mas nunca estão para isso. Que devo concluir? *Que nem vale a pena.* Primeiro alimenta-se a esperança, assim vai ficando até ao momento em que se pense que eu estou a construir mais um castelo e quando esse momento chegar virão pendurá-la – outro castelo deitado abaixo. Assim se diverte a senhora presidente de Montreuil, é essa a sua tranquila ocupação de há quatro anos a esta parte, rodeada de satélites a quem paga para ouvir graçolas e que dela se riem após receberem os presentes ou dinheiro (pelo menos foi o que Marais me afiançou, decerto pela desfeita de não estar incluído nesse número). Manobras deste calibre são 56 bem contadas, sem contar com as que hão-de vir; não que eu tenha 56 opiniões diferentes quanto à minha saída, Deus me livre! Teria passado a minha vida a fazer contas e estou bem longe de o ter feito (tendes a prova de ocupações mais sérias), mas

observei com atenção e tornou-se-me claro que não é apenas este quarto castelo por mim edificado no ar, por mais atrasado que se encontre, que vai cair como aconteceu aos outros três, não são quatro, dizia eu, mas sem dúvida já 56 aqueles em cuja construção ela colaborou. Ora pergunto-me se isso será conduta de uma mulher ajuizada, de uma mulher de carácter, de uma mulher que, nem que fosse pelos laços que a ela me ligam, deveria suavizar os meus tormentos em vez de os aumentar. *Ela sente-se ofendida, dizeis-me.* Antes do mais, eu nego tal coisa; só foi lesada porque o quis, tudo o que ela pode olhar como ofensa pessoal que lhe tenha sido feita só ao seu feitio se pode atribuir. Mas suponhamos que a ofensa tenha mesmo existido: deverá ela vingar-se? Uma mulher tão piedosa, que tem a aparência exterior de cumprir tão bem toda a parte cerimonial da sua religião, deverá desprezar o mais essencial de todos os dogmas? Ainda que eu possa conceder que dele conste a vingança, ainda assim, um tão longo tempo de prisão, uma prisão tão dura, não a vingam que baste? É preciso que seja agravado? *Oh! Não estais a ver bem, acrescentais; foi tudo necessário; e é o que nos vai fazer ganhar.* Ganhar! Supondo que eu saía amanhã, ousaríeis dizer, de boa fé, que eu tinha ganho, sem medo que vos acusasse de intolerável insolência? Ganhar! Meter alguém na prisão quatro ou cinco anos *por causa de uma festa de raparigas* igual às que se fazem às dezenas todos os dias em Paris! E virem depois dizer-lhe que se pode dar por feliz por ter pago por isso só com quatro ou cinco anos de cadeia e que, se o atormentaram como fizeram, foi *para ganhar!* Não, devo abandonar esta ideia, porque me revolta demasiado e porque tenho a certeza de que jamais a podereis apoiar com convicção.

Voltemos atrás por um momento e fixemo-nos nestas palavras, *uma simples festa de raparigas*, que vejo assusta tanto os que estão desolados por não poderem fazer-me convencer de todas as calúnias que admitem contra mim. As minhas aventuras reduzem-se todas a três. Da primeira não falo: pertence por inteiro à senhora presidente de Montreuil, essa mesmo, e se alguém devia ser punido era ela; mas em França não se pune quem tem rendimentos de milhares, à sua mercê são colocadas *pequenas vítimas*, que esses podem eles devorar com a voracidade daqueles monstros cujo destino é viver do sangue dos degraçados. É por causa disso que eu estou na prisão. A segunda aventura é a de Marselha: dela também acho que é inútil falar. Ficou perfeitamente claro que houve apenas libertinagem e que tudo o que foi julgado quanto à matéria criminal inserida para satisfazer o desejo de vingança dos meus inimigos da Provença e a rapacidade do chanceler, que me queria tirar do meu cargo para pôr lá o filho, não passava de pura invenção. É uma história que me parece resolvida pela detenção em Vincennes e pela saída de Marselha.

Passemos por isso à terceira. Peço-vos antecipadamente desculpa pelos termos que vou ser obrigado a utilizar; farei o que puder para torná-los mais suaves, usando abreviações. Entre marido e mulher, de resto, pode-se sempre, quando as circunstâncias o exigem, fazer uso de expressão mais livre do que com desconhecidos ou simples amigos. Peço-vos também desculpa pelas confissões, mas é melhor que me julgueis um libertino do que um criminoso. São estes os meus condenáveis actos, sem retoques, sem disfarçar o que quer que seja.

Vendo-me forçado a passar o tempo sozinho num castelo bastante retirado, quase sempre sem vós, e com a

ignóbil desdita, devo confessar, de gostar talvez um pouco demasiadamente de mulheres, dirigi-me em Lyon a uma m... muito qualificada e disse-lhe: Quero levar comigo para minha casa três ou quatro serviçais; quero-as jovens e bonitas; arranjai-mas pois. Esta m..., Nanon, pois esta era a tal Nanon muito qualificada de Lyon – posso prová-lo se for necessário – prometeu-me as raparigas e entregou-mas. Levei-as; servi-me delas. Ao fim de seis meses aparecem os pais a reclamar as raparigas, assegurando que são suas filhas. E eu dou-lhas; de repente tenho às costas um processo de rapto e violação! É a maior de todas as injustiças. No que diz respeito a estas coisas a regra é a seguinte, e foi o senhor de Sartine<sup>5</sup> quem condescendeu a explicar-me e disso deverá lembrar-se: é expressamente proibido em França qualquer m... fornecer raparigas virgens e se a rapariga for mesmo virgem e se queixar a questão não é com o homem mas com a m..., a qual deve ser imediata e rigorosamente punida. Mesmo que o homem chame a si a responsabilidade, nunca é ele o punido: ele faz o que todos os homens fazem. Só o poderá ser, repito, a m... que lha entregou, sabendo muito bem que isso é proibido. Portanto, nesta primeira deposição feita contra mim em Lyon, de rapto e violação, nada havia de legítimo; não sou culpado de nada; a m... a quem me dirigi é que devia ser punida e não eu. Mas com a m... não havia nada a ganhar, enquanto que comigo os pais esperavam conseguir algum dinheiro. Passemos à frente. Em tempos tive uma aventura em Arcueil na qual uma mulher igualmente mentirosa e velhaca, para ganhar dinheiro (que ingenuamente lhe foi pago) espalhou por toda a Paris que eu fazia experiências e

<sup>5</sup> Inspector-Geral da polícia. (Nota da ed. francesa)

que o jardim da minha casa era um cemitério onde eu enterrava os cadáveres utilizados nessas experiências. Essa ideia mostrou-se bem rentável; servia de tal modo a raiva dos meus inimigos que a usaram de toda a maneira e feitio em relação a tudo o que me pudesse acontecer. Por consequência, o caso de Marselha era uma experiência que eu teria levado a cabo e além do mais, sem dúvida, uma experiência com raparigas que nunca mais apareceram. E se nenhuma tinha aparecido em Lyon, também é certo que não aparecera em nenhum outro lugar do mundo. Vejamos melhor. Como é sabido, estas raparigas de Lyon eram em número de cinco. Uma delas, abalada pela solidão em que fora colocada (não para fazer experiências com ela mas porque a decência a isso me obrigava) é poupada e vai para casa de meu tio. *É conhecido o seu destino.* Outra, como é público, ficou em minha casa como serviçal e morreu de morte natural, facto observado e confirmado em toda a zona, pois era conhecida de toda a povoação e fora bem tratada em vida pelo delegado de saúde. *Como se vê, é conhecido o seu destino.* Outras duas voltaram para os cuidados do pai e da mãe. *Como se vê, é conhecido o destino delas.* Por fim a quinta, exigindo abertamente ser poupada como a sua camarada e ameaçando começar a falar se fosse retida mais tempo naquela solidão e não havendo notícia de pais que a reclamassem, foi por mim enviada a um camponês de La Coste, cujo nome indicarei quando for necessário e que conheceis muito bem, a fim de trabalhar como serviçal em casa de um parente do referido camponês, e como possuo todas as provas na minha mão dar-me-á grande satisfação apresentá-las quando for caso disso. A rapariga foi para lá levada, por lá se fixou e lá ficou, tendo-me sido passado um documento que está guardado num sítio que só eu conheço

e que será também apresentado quando for preciso. Soube mais tarde que esta rapariga deixou a casa e se tornou p... Como se vê, a existência das cinco raparigas fica claramente mostrada, o que me permite desafiar o mais hábil, ou melhor, o mais velhaco dos juriconsultos a provar-me o contrário.

Passemos à frente. Três outras raparigas, de idade e condição que não lhes permitia ser reclamadas pelos pais, habitaram também, antes ou depois, o castelo de La Coste. Contemos a sua história e encare-se isto como uma confissão geral, pois é minha intenção e desejo, se possível for, desbaratar totalmente e até à mais ínfima suspeita todos os horrores que se inventaram contra mim e que levaram a senhora de Montreuil a tratar-me como o faz, pela facilidade extrema que tem de acreditar em tudo e pelas armas que isso fornecia à sua vingança.

A primeira destas raparigas chamava-se *Du Plan*; era bailarina da Comédia de Marselha. Habitou no castelo, sem nada de segredo e como era público, na qualidade de governanta; foi-se embora, como também foi do conhecimento público. Mais de um ano depois encontrei-a na Comédia de Bordéus, vivia numa pequena cidade de província, segundo me disseram aquando da minha viagem a Aix. Quanto a esta, portanto, nenhum problema. A segunda vinha de Montpellier; chamava-se *Rosette*. Andou cerca de dois meses a esconder-se no castelo. Ao fim desse tempo, porque se sentisse aborrecida, afirmou querer-se ir embora, tendo então nós combinado que iria escrever a um homem da sua confiança, em Montpellier, e que esse homem, marceneiro de profissão e, ao que julgo, seu hóspede na referida cidade de Montpellier, a viria buscar por seu próprio pé junto das muralhas do castelo. A hora, o lugar,

o dia, o encontro, tudo ficou combinado. No dia certo o homem apareceu e a rapariga foi-lhe por mim mesmo entregue, tendo outra rapariga de nome *Marie* (a única das de Lyon que continuou ao meu serviço) transportado as suas coisas, que foram também entregues ao homem, o qual, tendo levado consigo um macho, nele pôs a rapariga mais as coisas, recebeu de mim seis luíses de ouro que a rapariga me pediu que lhe entregasse – soma que tinha ganho em minha casa – e lá partiram todos. Isto passou-se em Junho de 1775. Em Outubro de 1776, como sabeis, fui passar quinze dias a Montpellier e de lá trouxe a terceira rapariga agora em causa. Por essa ocasião é absolutamente seguro que a referida Rosette se encontrava em Montpellier, prova de que estive aí com ela, e estive com ela de várias maneiras ou, para ser mais honesto, na plena acepção da palavra estar, e foi ela quem convenceu a terceira, chamada Adelaide, a vir e a fazer como ela, assegurando à frente de duas ou três mulheres, das quais talvez nem todas venham a ser expatriadas quando chegar o momento de eu prestar declarações, assegurando, dizia eu, que, tirando aquele seu problema de solidão, só podia elogiar o meu comportamento em tudo. Foi apenas devido às suas recomendações que eu fiquei com a outra que, não me conhecendo, só assim acedeu a vir, evidentemente. Adelaide vem portanto e fica até ao terceiro escândalo da senhora de Montreuil, altura em que o chefe dos correios de Courthézon a levou de volta de forma totalmente transparente. Fica assim bem provado o destino desta terceira rapariga. Algumas outras raparigas, quer como cozinheiras quer como ajudantes de cozinha, e entre as quais se encontravam as que levámos connosco para Paris, habitaram por diversas vezes o castelo de La Coste durante o meu tempo de revelia, mas estive-

ram lá tão pouco tempo e de modo tão transparente, tendo vindo e partido quando quiseram, que considero inútil falar disso. Entre elas havia também a sobrinha da tal m... Nanon a que fiz referência, que pusemos num convento. A senhora de Montreuil retirou-a de lá; sabe portanto aquilo em que se tornou. É tudo. Eis, em termos gerais, a minha confissão, a mesma que faria diante de Deus se estivesse à beira da morte.

Que tirar de tudo isto? Que o senhor de Sade, acusado que é de horrores que não deixam dúvidas, pois por isso o mantém tanto tempo na prisão, tem motivos para acreditar, pelas razões que brevemente verão a luz do dia e porque conhece bem aquilo que já por duas vezes pôde contra si a maligna calúnia da opinião pública, que não é de forma nenhuma culpado de *ensaaios*, *experiências* ou *assassinios*, neste ou em qualquer outro caso. Que o senhor de Sade fez o que toda a gente faz, que esteve com raparigas ou já corrompidas ou fornecidas por uma m..., que a acusação de ter seduzido não lhe diz respeito e que por isso punem e fazem sofrer o senhor de Sade como se ele fosse culpado dos crimes mais hediondos.

Vejamos quais as contraprovas que lhe apresentam. 1.<sup>a</sup>: *Confissões da m... culpada*: mas as razões pessoais que ela tinha para se justificar não serão suficientemente poderosas para se pensar que pretendeu incriminar ao máximo quem julgava ser seu cúmplice? 2.<sup>a</sup>: *Desaparecimento das raparigas*: de bom grado porei a cabeça sob o cutelo e sem pena a perderei, se mo provarem. 3.<sup>a</sup>: *Ossos de mortos encontrados no jardim*: foram para lá levados pela rapariga de nome Du Plan; é pessoa plena de vida, pode ser interrogada. Fez-se a brincadeira, de bom ou mau gosto, admito, de os usar na decoração de uma sala; foi mesmo para isso

que serviram, tendo sido depois depositados nesse jardim quando a brincadeira, melhor será dizer, quando a levianidade acabou. Contem-se e coteje-se o seu número e as suas características com o que tenho na declaração feita pelo punho da própria Du Plan e que ela trouxe de Marselha: ver-se-á se foi encontrado um só a mais. Todas estas verificações e cotejos são por tudo isto essenciais num caso deste tipo: alguém se deu ao trabalho de efectuar uma que fosse? Pois não! Porque na realidade não era atrás da verdade que andavam mas de me mandarem para a prisão – e é lá que estou. Mas pode ser que um dia saia e quando sair pode ser que me concedam a justiça suficiente para poder imaginar que saberei justificar-me e fazer então condenar aqueles que assim me tratam; ou pelo menos, se o não conseguir devido ao seu dinheiro e às protecções que têm, pelo menos, dizia eu, que possa cobri-los publicamente de ignomínia, de vergonha e de incomodidade.

Sigamos em frente; não quero que nada fique por dizer. Que juntam mais a estas provas? *As declarações de uma criança?* Mas a criança era um criado e nessa condição de criança e de criado não pode ser levado a sério. Além disso há neste caso um outro e bem nítido interesse: a criança estava na dependência da mãe, pessoa muito interesseira e que terá pensado que, se o levasse a dizer mil horrores, podia daí extrair dividendos garantidos; ela conhecia a história dos cem luíses de Arcueil. Mas, poderão objectar-me, como sabeis que as declarações dessa criança são contra vós? Ela vira e portanto sabia, já que acreditais no seu testemunho? Era aqui mesmo que eu esperava objecção e é precisamente a partir daqui que se vai desenrolar todo o nó desta infâmia. Em primeiro lugar, quem podia acreditar nela, sabendo que haviam de vir reclamá-la do

mesmo modo e por gente da mesma espécie dos daquela confusão de Lyon? Primeiro motivo para eu recear fortemente que ela inventasse coisas, a exemplo dos outros e nas mesmas circunstâncias. Mas não é tudo, vejamos o que eu soube e me foi dito por alguém que parecia estar demasiado dentro do assunto para que se pudesse suspeitar de que não dizia a verdade. Dei a minha palavra de honra em como jamais o comprometeria e não irei aqui referir o seu nome. Mas dou também a palavra em como este segredo não há-de durar sempre. Se já tiver morrido quando eu sair, deixarei de lhe dever obrigação e nomeá-lo-ei; se ainda existir [hei-de] tentar que me desobrigue desse segredo e então sabereis quem é. Vou escrever as palavras que ouvi da sua própria boca, para que melhor se sintam: «Haveis tudo a temer, caro senhor, disse-me ele, mesmo que se resolva o processo de Aix. A criança que tínheis como secretária em 1775 foi, quando deixou o castelo, depor em companhia da mãe a um prédio em Aix, à disposição do Senhor Procurador-Geral e aí, garanto-vos como se o tivesse ouvido, foram ambos instruídos sobre o que deviam dizer. Ficando o senhor de Castillon<sup>6</sup> convencido de que, resolvido o Vosso processo, atacaríeis seu primo, o senhor de Mende<sup>7</sup>, autor daquele iníquo procedimento de Marselha, e pouco tranquilo com o que ia ouvindo entretanto sobre o caso de Paris, não podendo adivinhar nem conhecer as vossas intenções e considerando que o referido senhor de Mende estaria perdido se o atacásseis na vossa acusação, achou por bem precaver-se contra vós; foram

<sup>6</sup> Le Blanc Castillon, delegado do Ministério Público ao Parlamento de Aix. (Ndt)

<sup>7</sup> Vedor do rei junto do tribunal de Marselha. (Ndt)

então contados à mãe e à criança os maiores horrores, foi-lhes dado dinheiro, e eles declararam e assinaram o que lhes pediram. Seguidamente o senhor de Castillon, para se dar ares de alguém que, longe de procurar sarilhos e confusões, não pretendia senão temporizar, informou a senhora vossa sogra e os dois decidiram de comum acordo mandar a mãe e a criança para Paris, de tal forma bem pagos, tão cheios de esperança no futuro e tão bem instruídos que é verosímil que tenham sustentado em Paris o mesmo que lhes fora inculcado em Aix.» Foi isto que me foi dito, *dou a minha palavra de honra*, e dito por quem se encontrava em condições de saber. Aconteça algo e eu protesto em como hei-de obter dele autorização para um dia o nomear, então vereis como tereis de acreditar.

Eu tenho pois contra mim, numa questão tão essencial como esta, uma m... que estava ao meu serviço e uma criança também ao meu serviço; uma m... que tem o maior interesse em se defender, incriminando-me e uma criança claramente ligada aos meus maiores inimigos. Uma simples reflexão agora, peço-vos, independente das minhas asserções: não haveis tido provas, mais límpidas do que o dia, de que souberam muito bem empenhar-se na minha perda quando o quiseram fazer? Ora, se tendes provas mais límpidas do que o dia em relação àquela primeira história de Aix, por que quereis recusar-vos às que podem existir na segunda? Haveis de convir que tal conjectura é bem evidente e a meu favor. Dizei-me, iríeis de bom grado a um bosque onde vos tivessem roubado a bolsa? E se vos tivessem roubado uma segunda vez, não vos sentiríeis mais do que autorizada a pensar que tivessem sido os mesmos ladrões? No lugar da senhora de Montreuil isso ter-me-ia

sido suficiente para recusar todas as denúncias contra um genro que viessem dessa cidade.

Passemos à frente; há ainda uma outra coisa e eu quero que fique tudo esclarecido. Encontraram na minha carteira, ou fizeram por encontrar, três objectos que funcionam de prova contra mim. Expliquemo-los a todos.

Um era uma receita para ajudar uma mulher grávida a desembaraçar-se do seu fruto. Concordo que foi um erro, uma imprudência, sem dúvida, ter colaborado nisso. Eu nunca fiz uso de tal coisa e nunca tive a intenção de o fazer. Tive a ocasião de ver durante a minha vida duas ou três mulheres ou raparigas – não devo ser mais claro – que tinham fortes razões para esconder o resultado da sua má conduta com os amantes [e] se viam obrigadas a um tal crime. Confessaram-mo, ao mesmo tempo que se referiam a métodos muito perigosos que gente sem escrúpulos applicava nelas e que me pareceram pôr em risco a sua própria vida. Tendo ouvido falar em Itália deste método que encontraram na minha carteira e achando-o extremamente suave e sem nenhum perigo, fez a curiosidade com que o tivesse copiado. Creio bem que aos olhos de qualquer homem responsável se trata de uma falta insignificante e não há nenhum menino de coro que não saiba que a sabina tem o mesmo efeito.

O segundo papel era o resultado de uma discussão com o pequeno médico de Roma. Pretendia ele que os antigos envenenavam as armas de ferro segundo um determinado método, que me indicou; eu sustentava o contrário, assegurando ter lido em qualquer parte um procedimento bastante diferente. A questão surgira a propósito de armas antigas que víamos juntos no arsenal do castelo de Saint-Ange. Como queria fazer um comentário sobre o assunto

no meu estudo sobre Roma, escrevi a sua opinião, prometendo enviar-lhe a minha logo que a encontrasse e mais tarde, na minha dissertação, decidir-me-ia pela que achasse mais verosímil. Encontrei, de facto, a tal opinião contrária à sua, precisamente num dos livros que me haveis mandado, o quarto volume da *História dos Celtas*<sup>8</sup>. Tratava-se de uma erva chamada *linveum* ou, segundo Plínio e Áulio-Gélio, *ellebore*, e com ela esfregavam os antigos as armas que queriam envenenar. Acabei por decidir-me por esta opinião, em oposição à que me tinha sido dada. O que foi encontrado diz respeito a este assunto. Será isso um pecado venal?

E eis-nos chegados ao mais importante: *um inquérito completo relativo a matérias bastante semelhantes às de que sois acusados*. Sim, é esta a terrível prova, e aqui pode dizer-se que é como a história da missa pega<sup>9</sup>; já a conheceis, decerto. Pois bem, que essa história e a de Calas e outras semelhantes vos ensinem, a vós que com tanta facilidade aceitais as coisas, que não se pode julgar ninguém só pelas aparências e punir sem o ouvir, ainda por cima num país que, pelas suas leis e pelo seu governo, se julga isento de vexames inquisitivos; em resumo, não pode haver direito de encarcerar um único cidadão sem o ter ouvido ou a quem não seja dado, depois, pelo menos o direito de se vingar da maneira que puder, para assim punir quem devia ser punido. Sim, quem quer que sejais, entendi bem esta ideia e escutai o que tenho a dizer acerca deste documento tão importante. Ele constitui a confissão de um infeliz que,

<sup>8</sup> *Histoire des Celtes et particulièrement des Gaulois et des Germains*, obra de Simon Pelloutier (1694-1757), historiador alemão de origem francesa. (Ndt)

<sup>9</sup> Missa mandada rezar em memória de uma rapariga, condenada à morte devido a um roubo afinal praticado por uma pega, animal dado a esses gestos, como se sabe. (Ndt)

tal como eu, procurou asilo em Itália. Estando longe de pensar em regressar e vendo-me na disposição de passar os Alpes, deu-me em mão própria o documento das suas investigações e rogou-me que o desse a conhecer em França e lhe desse depois notícias. Prometi fazê-lo. Dois dias mais tarde implorou-me que lhe devolvesse o documento que tinha escrito pois, segundo afirmou, podia ser usado como prova contra si; pretendia uma tradução mas lá não conhecia ninguém que soubesse francês. E eu copiei então tudo com a minha mão, apenas pensando na alegria de lhe ser útil e sem reflectir no destino que aquele papel podia ter. É um facto acerca do qual *eu dou a minha palavra de honra* e de que apresentarei provas ainda mais concretas quando se tornar necessário.

E eis como se encontram erradas todas as suposições acerca de mim, eis também como lhes faço objecção e como provarei, *jurro*, com provas e meios de tal autenticidade que será absolutamente impossível negar-lhes evidência. Sou culpado apenas de libertinagem pura e simples, a que todos os homens praticam, ou mais ou menos, em função de ser maior ou menor a inclinação e propensão que para isso receberam da natureza. Cada um tem os seus defeitos. Mas não façamos comparações: talvez os meus carrascos não ficassem a ganhar no cotejo.

Sim, sou libertino, confesso; e, dentro do género, fui capaz de tudo imaginar em tal domínio mas não fiz seguramente tudo o que imaginei nem hei-de seguramente vir a fazê-lo. Sou um libertino mas não sou *um criminoso* nem *um assassino*, e já que me forcem a pôr a minha apologia ao lado das minhas justificações, direi que é talvez provável que aqueles que tão injustamente me condenam não sejam capazes de compensar as suas infâmias com acções tão boas

e tão reconhecidas como as que eu posso opor aos meus erros. Sou um libertino, mas três famílias que habitam no vosso bairro viveram cinco anos das minhas esmolas e fui eu quem os tirou da sua indigente condição de miséria. Sou um libertino mas salvei da morte um desertor, abandonado pelo seu regimento e respectivo coronel. Sou um libertino mas em Evry, aos olhos de toda a vossa família e com perigo da própria vida, salvei, atirando-me ao chão, uma criança que ficaria esmagada sob as rodas de uma caruagem levada por cavalos de freio nos dentes. Sou um libertino mas nunca comprometi a saúde da minha mulher. Nunca enveredei por certas áreas da libertinagem que se mostram muitas vezes fatais para o futuro dos filhos: alguma vez os levei à ruína por causa do jogo ou de quaisquer esbanjamentos que os tivessem privado de algo ou ferissem a sua reputação? alguma vez geri mal os meus bens quando estiveram sob a minha alçada? em resumo, alguma coisa na minha juventude prenunciava um coração capaz das enormidades de que o culpam agora? não amei sempre tudo o que se deve amar e tudo o que me devia ser querido? não amei meu pai? (continuo a chorar por ele todos os dias, pobre de mim) comportei-me mal com minha mãe? e não é verdade que, mal eu tinha acabado de recolher o seu último suspiro e de lhe transmitir o último sinal da minha afeição, logo vossa mãe me fazia arrastar para esta horrível prisão onde me faz penar desde há quatro anos? Em suma, examinem a minha vida desde a mais tenra idade. Ao pé de vós tendes duas pessoas que a têm seguido bem de perto, *Amblet*<sup>10</sup> e *Madame de Saint-Germain*<sup>11</sup>. Que

<sup>10</sup> O abade Amblet foi o primeiro tutor de Sade. (Ndt)

<sup>11</sup> Provavelmente parente do conde de Saint-Germain, ministro da Guerra em 1775. (Ndt)

daí passem à minha juventude, que pode ser testemunhada pelo *marquês de Poyanne*, aos olhos de quem a passei, e vão depois até à idade em que me casei, e que observem, indaguem, colham informações e vejam se alguma vez dei provas da barbaridade de que me acusam e de quaisquer maus actos que pudessem servir de prenúncio aos crimes que me atribuem: devem considerá-los crimes, pois que os há, como sabeis, de vários graus. Como acreditar, então, que de tanta inocência na infância e na juventude eu tenha de repente atingido os cumes mais abjectos do horror premeditado: não, não podeis acreditar nisso. E vós, que agora me tiranizais, também não podeis acreditar: a vossa vingança tomou conta da vossa alma, dedicastes-vos cegamente a tal tarefa, mas o vosso coração conhece o meu, ele é o melhor juiz, ele sabe que está inocente. Será bom ver-vos um dia concordar comigo mas essa confissão não há-de resgatar os meus tormentos e não terei sofrido menos por isso... Em resumo, quero a minha reabilitação e tê-la-ei, seja qual for o momento em que me façam sair daqui. Se sou um assassino, não estive aqui o tempo que devia; se não sou, então estive aqui tempo de mais e terei portanto o direito de exigir compensações.

Uma carta bem longa, não é verdade? Eu devia essa carta a mim próprio, prometi escrevê-la quando se completassem quatro anos do meu sofrimento. Expiraram agora. Portanto, ei-la; está escrita como se estivesse a um passo da morte, para que, caso ela me surpreenda sem ter tido a consolação de vos apertar por uma só vez nos meus braços, eu possa, ao expirar, enviar-vos os sentimentos expressos nesta carta, como os últimos a vós dirigidos por um coração ardente por levar consigo para o túmulo ao menos a vossa estima. Perdoai a desordem da carta; não é nem

rebuscada nem intelectual: nela só deveis ver consciência e verdade. Apaguei alguns nomes no início a fim de que a carta possa chegar-vos e fico a suplicar encarecidamente que vos seja entregue. Não peço que me respondais, apenas que me digais se haveis recebido *a minha longa carta*: assim me referirei a ela, sim, é assim que a ela me referirei. E quando vos citar os sentimentos que ela contém, então haveis de relê-la... Compreendes, minha querida amiga? Lê-la-ás e verás como aquele que te há-de amar até à morte quis assiná-la com o seu próprio sangue.

De Sade.

Neste 20 de Fevereiro.

### [Bilhete junto]

Não me acontece muitas vezes escrever cartas assim tão longas ou que sejam necessárias para a explicação dos meus actos; e decerto não irá acontecer mais vezes. Por conseguinte, imploro àqueles por cujas mãos ela há-de passar que a façam chegar, tal como foi escrita, à minha mulher. Espero que o façam e que não desejem levar-me a acreditar que retêm cartas da importância desta, cartas, em suma, em que eu apresento as minhas explicações; porque se as retiverem e as impedirem de chegar ao seu destino, sentir-me-ei mais tarde autorizado a denunciar com clareza tal procedimento e a revelá-lo, mostrando como comprova os interesses que indiscutivelmente tinham na minha detenção, já que se opunham aos meios que eu tinha de apresentar explicações para a redução da minha pena.

## A MADEMOISELLE DE ROUSSET

### Um presente filosófico de Ano Novo

(Vincennes, 26 de Janeiro de 1782)

Seja onde for que estejais, Mademoiselle – perto ou longe, entre os turcos ou entre os galileus, com monges ou actores, carcereiros ou gente honesta, matemáticos ou filósofos, o facto é que a amizade não me permite que eu dispense, no início do ano novo, os sagrados deveres que ela impõe, segundo os quais, de acordo com os hábitos antigos e sob os vossos bons auspícios, me dedicarei a algumas reflexões ocasionais oriundas do mais profundo do ser. Se a minha situação tem espinhos, devo apesar disso confessar que ela me sugere muitas vezes pensamentos de um género de filosofia bem interessante.

Quando me lembro da época em que aconteceram as minhas desgraças, parece-me às vezes ouvir regressar a casa as coifas maquilhadas de pó branco a quem as devo, um de dormir com uma rapariga decente que anda a corromper, outro com a mulher de um amigo, outro ainda escapulindo-se cheio de vergonha de uma rua de má fama, pois ficaria aflito se se descobrisse o que acabara de fazer, e outro de um qualquer pardieiro ainda mais vergonhoso, – parece-me, ia eu a dizer, vê-los, esses que tão cobertos estão de luxúria e mais crimes, debruçados sobre as componentes

do meu processo e o seu chefe gritando num assomo de patriotismo e de amor pela lei: Com mil demónios, como é possível, confrades meus, um aborto destes, que não é nem presidente nem financeiro, ter querido divertir-se como um conselheiro do reino? O pequeno fidalgo rústico atreveu-se a acreditar que lhe era permitido ser nosso semelhante? Pois quê! Sem posses nem galões, meteu-se-lhe na cabeça que a natureza é a mesma para ele e para nós, como se a natureza pudesse ser analisada, violada, achincalhada por outros que não os intérpretes das suas leis e como se pudesse haver outras leis que não as nossas? Para a prisão, com os diabos! Para a prisão, senhores! É a única solução: sim, seis ou sete anos em cela bem guardada para o reles desavergonhado... É o único sítio, senhores, onde se aprende a respeitar as leis da sociedade e o melhor dos remédios, para quem teve a audácia de transgredi-las, é obrigá-lo a amaldiçoá-las. Além disso, há aqui uma coisa... o Sr. de..., que, como sabeis, está estabelecido (estava na altura mas já não está agora, louvado seja Deus) achou por bem ser essa a melhor ocasião para oferecer um pequeno presente à amante: a *espremedura*<sup>12</sup> era coisa para valer doze ou quinze mil francos... Não hesitemos um minuto... *Mas e a honra do indivíduo..., a mulher..., os bens, os filhos...?* Na verdade! Que belas razões!... Não será razão que nos impeça de ajoelhar perante os deuses da riqueza!... A honra... as mulheres... os filhos... Não são essas as vítimas que imolamos todos os dias? Para a prisão, senhores! Para a prisão, digo-vos eu! E depois os nossos primos e os nossos irmãos hão-de chegar a comandantes de navios. – *Então para a prisão*, responde com a voz empastada o presidente Michaut, que acabara precisamente de fazer umas contas. – *Prisão, senhores, prisão!*

<sup>12</sup> A referência é ao acto de tornar a uva em mosto... (Ndt)

diz a voz áspera do bonitão Durval, enquanto rabisca subrepticiamente sob a sua capa um bilhete para uma actriz da ópera. – *Prisão, não há que saber*, acrescenta o pedagogo Damon, a cabeça ainda entontecida pela patuscada do almoço. – *Sim, quem pode duvidar que é prisão?*, remata o pequeno Valère, pondo-se em bicos de pés e vendo as horas no relógio para não faltar ao encontro com Madame Gourdan.

É isto que vale, em França, a honra, a vida, a felicidade e a reputação de um cidadão! A indignidade, a adulação, a ambição, a avareza, preparam a sua ruína; a imbecilidade acaba com ela.

Miseráveis criaturas, por um momento colocadas no topo deste monte de lama, haverá alguma coisa que diga que é preciso metade do rebanho andar a perseguir a outra metade? Oh, ser humano, será que é a ti que compete decidir sobre o que está bem e o que está mal? Como pode um qualquer mesquinho indivíduo da tua espécie pretender colocar limites à natureza, decidir sobre o que ela permite, declarar o que ela defende? Tu, aos olhos de quem a mais fútil das acções está ainda por decifrar, tu que és incapaz de explicar o fenómeno mais simples, define-me a origem das leis do movimento, as da gravitação, desenvolve-me a questão da essência da matéria: é inerte ou não? Se não se move, diz-me como pôde a natureza criar, ela que nunca se encontra em repouso, algo que detém essa condição e se se move, se é a causa segura e legítima das gerações e das substituições perpétuas, diz-me o que é a vida, e prova-me o que é a morte; diz-me o que é o ar, discorre com clareza sobre as suas diferentes consequências, ensina-me por que há conchas no cimo dos montes e ruínas no fundo dos mares. Tu que decides se algo é crime ou não, tu que

mandas para a forca em Paris quem no Congo mereceria louvores, determina as minhas opiniões acerca do percurso dos astros, a sua suspensão, a sua atracção, a sua mobilidade, a sua composição, as suas fases, prova-me Newton mais do que Descartes e Copérnico mais do que Ticho-Brahé<sup>13</sup>, explica-me apenas por que cai a pedra lançada de cima, sim, torna-me evidente um facto tão simples e eu perdoar-te-ei o seres moralista quando podias ser antes físico. Pretendes analisar as leis da natureza mas o teu coração, esse coração onde ela fica gravada, é para ti um enigma para o qual não encontras solução! *Essas leis, pretendes tu defini-las, mas não és capaz de dizer como é possível que pequenos vasos sanguíneos possam, no mesmo dia, aniquilar um cérebro e fazer do mais honesto dos homens um facínora.* Tu, tão infantil nos teus métodos como nas tuas descobertas, tu que há três ou quatro séculos inventas, mudas, voltas atrás, argumentas, não tens senão para nos oferecer, como recompensa das nossas virtudes, o Eliseu<sup>14</sup> dos gregos e, para castigo dos nossos crimes, o seu prodigioso Tártaro<sup>15</sup>; tu que não conseguiste, apesar das reflexões mais variadas, de tanto trabalho, de tantos volumes cheios de pó dedicados a este sublime assunto, tu que não conseguiste, dizia eu, senão colocar um escravo de Tito no lugar de Hércules e uma mulher judia no de Minerva<sup>16</sup>, queres agora discorrer e filosofar acerca do erro humano, queres aplicar dogmas ao vício e à virtude quando te é impossível dizeres-me o

<sup>13</sup> Astrónomo dinamarquês (1546-1601), o primeiro a verificar a refacção da luz; as leis de Kepler sobre o movimento dos planetas devem aos estudos de Brahé sobre Marte. (Ndt)

<sup>14</sup> Lugar mitológico, destino de heróis e virtuosos. (Ndt)

<sup>15</sup> Lugar mitológico, destino de deuses vencidos, de heróis que praticaram a ofensa a Zeus (Tântalo, por exemplo, sofreu ali os seus suplícios...), de não virtuosos. (Ndt)

<sup>16</sup> Eufemismos para Jesus Cristo e Maria. (Ndt)

que é um e outra, qual o mais vantajoso para o homem, qual o que melhor se ajusta à sua natureza e se não terá nascido deste confronto o equilíbrio profundo que os torna a ambos necessários. Queres virtude em todo o universo mas não te ocorre que tudo acabaria por perecer no momento em que só houvesse virtuosos sobre a terra; recusas-te a perceber que, uma vez que é necessário que haja vícios, não será justo que tu os punas, como não seria justo fazer troça de um homem com um só olho... E dos teus falsos esquemas, das barreiras odientas que desejaras impor à natureza que troça de ti, qual é o medonho resultado? A total desgraça, tremo só de o dizer: tu que achas necessário infligir o suplício da roda ao que se vinga do seu inimigo e encher de honras o que assassina os inimigos do rei, que achas necessário destruir quem te rouba uma moeda enquanto te vais enchendo de recompensas, ao mesmo tempo sentes-te autorizado, em nome das tuas próprias leis, a exterminar aqueles cujo único erro consiste em deixar-se guiar pelas leis da natureza, o erro de ter nascido para a preservação dos seus sagrados direitos. Eh! Deixa-te das tuas loucas subtilezas! Goza a vida, meu amigo, goza a vida, e não julgues... goza-a, digo-te eu, deixa à natureza o encargo de te conduzir por onde ela quiser e ao Eterno o de te punir. Se te descobrires infractor, humilde formiga habitando o seu pequeno torrão de areia, leva a tua palhinha ao mercado, choca os teus ovos, alimenta as tuas crias, ama-as, sobretudo não lhes tires nunca dos olhos a venda do erro: quimeras que se recebam, garanto-te, fazem mais a felicidade do que as tristes verdades da filosofia. Goza o esplendor do universo: é para iluminar os prazeres e não para ser causa de sofismas que a sua luz brilha aos nossos olhos. Não utilizes metade da tua

vida em acções que possam tornar infeliz a outra metade. Se andaste alguns anos a vegetar dessa forma tão bizarra, e apesar do que o teu orgulho possa pensar, deixa-te adormecer ao peito da mãe-natureza e acorda depois como um novo ser, regendo-te por regras novas que entenderás tão mal como as primeiras. Pensa, numa palavra, que é para fazer felizes os teus semelhantes, para cuidar deles, para amá-los, que a natureza te coloca entre eles e não para julgá-los ou puni-los ou, sobretudo, para prendê-los.

Se este pequeno excursão filosófico vos agradou, Mademoiselle, terei todo o gosto em prosseguir em futuros votos de bom ano. Se não, gostaria que mo dissésseis, e assim escolheremos tema mais análogo à boa disposição do sexo a que pertenceis e de que sois o ornamento e a quem farei a homenagem de ser, bem como a vós, Mademoiselle, durante toda a minha vida, o mais humilde e obediente servidor.

Des Aulnets.

Do galinheiro de Vincennes, neste 26 de Janeiro, ao cabo de cinquenta e nove meses e meio de *espremedura* e, em boa verdade, sem qualquer sucesso.

## A MARIE-DOROTHÉE DE ROUSSET

Da minha casa de campo, neste 17 de Abril de 1782

A águia, Mademoiselle, vê-se por vezes obrigada a deixar a sétima região do ar e a descer até ao cimo do monte Olimpo ou aos velhos pinheiros do Cáucaso, aos frios larícios do Jura ou aos cumes brancos do Tauro, aproxima-se mesmo, por vezes, das pedreiras de Montmartre. Sabemos da história (pois bela coisa é a história) que Catão, o grande Catão, cultivava os seus campos com as suas próprias mãos, que Cícero fazia ele mesmo o alinhamento das árvores nas suas magníficas áreas de Fórmias (não sei se alguém as aparava por ele), que Diógenes dormia dentro de uma pipa, que Abraão fazia estátuas de argila, que o ilustre autor de *Telémaco*<sup>17</sup> fazia versos à senhora Guyon<sup>18</sup> e que Piron<sup>19</sup> abandonava por vezes as sublimes pinceladas de *la Métromanie* para beber champã e fazer a *Ode a Priapo* (conheceis decerto esta pequena

<sup>17</sup> Romance de Fénelon (1651-1715), escrito para servir a educação do príncipe herdeiro, o duque da Borgonha, mas chegando a ser considerado, injustamente, como crítica ao governo de Luís XIV. (Ndt)

<sup>18</sup> Espiritualista e mística francesa (1648-1717), foi amiga de Fénelon, com quem partilhava ideias que levaram este a ser destituído do seu título de arcebispo. Acusada de quietismo, doutrina que se baseia na inacção e na passividade como caminho para chegar a Deus, conheceu a Bastilha em condições não muito diferentes das de Sade. (Ndt)

<sup>19</sup> Alexis Piron (1689-1773), poeta francês. *La Métromanie* é uma comédia, a ode um misto de espiritualidade e obscena sensualidade. (Ndt)

frivolidade poética, de tanta utilidade para as jovens raparigas e sem dúvida concebida para fazer parte de qualquer plano de educação destinado a formar o espírito das que têm nos olhos o horizonte do vasto mundo). Não vimos nós o grande Voltaire mandar erguer uma igreja a Nosso Senhor com a mesma mão com que escreveu, acerca do sagrado nascimento do Redentor:

*José, Pantera e a morena Maria  
Sem o saber fizeram esta obra pia.*

Pucelle<sup>20</sup>.

E em nossos dias, Mademoiselle, em nossos augustos dias, não vemos nós a tão célebre presidente de Montreuil pôr de lado Euclides ou Barême<sup>21</sup> para *meter a sua colherada* na cozinha?

Tudo isto prova, Mademoiselle, que, por mais que o homem faça, por mais que se eleve acima de si mesmo, há sempre dois momentos na sua jornada que lhe vêm recordar, quer ele queira ou não, a sua triste condição de animal e vós sabeis como o meu sistema de vida (é possível que eu esteja a generalizar a partir do meu próprio caso), como o meu sistema, dizia eu, não se afasta muito disso. Esses dois momentos são (perdoai-me as palavras, Mademoiselle, não serão nobres mas são verdadeiras), esses dois medonhos momentos, portanto, são aquele em que ele tem de *encher a barriga* e aquele em que tem de a despejar. Poderia ainda

<sup>20</sup> Abreviatura do poema herói-cómico de Voltaire, *La Pucelle d'Orléans*. A copla seguinte é:

Ao esposo disse a bela morena adeus  
E foi dormir com o bastardo que se dizia Deus. (Ndt)

<sup>21</sup> Matemático francês (1640-1703). (Ndt)

acrescentar-se aquele em que percebe que estão a deteriorar o seu património e aquele em que lhe confessam a morte dos seus fiéis escravos. É esta a minha situação actual, minha bela santa, e será ela o tema desta minha triste missiva.

Como lastimo Gothon<sup>22</sup>. Sem dúvida que tinha os seus defeitos mas compensava-os através de virtudes e qualidades; e há muita gente neste mundo que nunca pôde ter esse tipo de compensação. Gothon gostava de homens. Mas não serão os homens, Mademoiselle, feitos para as mulheres e as mulheres feitas para os homens? Não é esse o sentido da natureza? Gothon, como afirma Madame de Sade com certo sarcasmo, *casou-se porque estava grávida*. Pois bem, Mademoiselle, filosofemos um pouco! Que mal tem isso? Eu só vejo virtudes. É querer dar um pai ao seu filho, é querer assegurar-lhe o pão, é querer tirá-lo dessa classe abjecta que apenas deixa como recurso ao infortúnio a pobreza ou o crime. Mas se ela foi infiel ao marido... Bom, para isso não há desculpa! O adultério de uma mulher está sujeito a inconvenientes tão horríveis e a consequências tão funestas e sinistras que nunca fui capaz de tolerá-lo. Examinai bem os meus princípios, investigai a história das minhas irregularidades e vereis como raramente na minha vida eu interfeiri nesse vínculo e que, de entre as cerca de doze virgens, ou que assim se afirmavam, que procurei seduzir, não encontras mais do que três mulheres casadas. Neste ponto Gothon não tinha, portanto, razão. Gothon incriminou-me, eu sei, mas a morte apaga dos meus olhos toda a injúria e o meu pobre coração chora lágrimas mesmo pelos maiores inimigos.

<sup>22</sup> Empregada de Sade, em *La Coste*. (Nef)

Apesar dos seus defeitos, Gothon era-me afeiçoada. Prestava um serviço agradável, diligente e eficaz; era uma boa égua de cria que gostava da estrebaria do seu amo. A infeliz criatura, apenas com a ajuda dos senhores Paulet, Payan, Sambuc<sup>23</sup> e outros como eles, ter-me-ia montado uma casa completa em doze ou quinze anos. Lamento, em boa verdade, que isso não tenha sido possível. Além disso, devo dizer-vos – sim, agora que estamos a falar de virtudes, também podemos falar de qualidades – que Gothon tinha, segundo se dizia, o mais belo c... Com os diabos, e agora, como prosseguir? O dicionário não tem sinónimo para esta palavra e a decência impede-me de escrever todas as suas letras, ainda que sejam apenas duas... Pois bem, é mesmo verdade, Mademoiselle, era o mais belo c... que desde há um século deixou as montanhas da Suíça..., e de reputação comprovada. O próprio *senhor presidente de Montreuil*, apesar de assuntos da maior importância o terem levado, há dez anos, até à Provença (assuntos que ele, de resto, resolveu com grande competência) não podia dispensar nos seus momentos de lazer a doce contemplação de tão célebre astro. E foi o que tornou conhecida a reputação de que gozou até ao fim dos seus dias a infeliz Gothon. E o magistrado que referi, bom conhecedor que era dessa parte do corpo por praticado gosto adquirido junto das divinas belezas da capital, estava bem preparado para avaliar com rigor um tal objecto. Apercebo-me de que estou a esquecer um grande provérbio: *não se deve falar de corda em casa de enforcado* e, por consequência, eu não devia estar a ocupar-me desses mesmos impúdicos objectos a que me encontro também ligado e que são, segundo se pretende, a causa da minha desgraça. Não pude, contudo, deixar de fazer esta

<sup>23</sup> Habitantes de La Coste. (*Nef*)

breve apologia, pois numa alma boa, que a tenho, queiram ou não, as qualidades de uma pessoa cuja morte se chora vêm em catadupa, quando se começa a pensar, escrever-se a si próprias. Mas falemos de novo a sério e, para comodidade do escrevinhador, façamo-lo noutra página, pois sempre tive uma certa tendência para favorecer o vício e considero grandes homens aqueles que sabem permanecer nele com obstinação. Estais a ver, assim de repente, o Jacques Escrevinhador considerado um grande homem? Nem ele esperava que o dissessem, nem alguma vez o tinham posto tão alto.

.....

[Falta a continuação]

## A MADAME DE SADE

(Vincennes, Junho de 1783)

Dizei-me, peço-vos, se é a infame *Cordier* ou o seu cúmplice *Fouloiseau* que não querem que eu tenha aqui camisas. Aos prisioneiros em hospital é que se recusa roupa branca, não a mim. Como se mostra bem em tudo a vossa baixeza, a de vossas origens e a de vossos pais! Minha querida, quando me esqueci do que eu era, ao ponto de vos querer convencer do que realmente sou, terá talvez sido para vos ver em camisa. Nunca, porém, para que me faltasse a mim. Fixai esta ideia, vós e a vossa pandilha, enquanto a não mando imprimir.

Se preciso de roupa é devido à lavadeira, que todos os dias perde e rasga tudo o que tenho, e às ordens expressas que o director lhe transmite. Não há um único mês em que não tenha de pagar oito ou dez francos. É de tolerar uma coisa assim?

Seja como for, afirmo-vos que, se nos próximos quinze dias não receber nenhuma roupa, arrumarei as minhas coisas, na certeza de que isso é prova segura de como está para breve a minha saída. Só isso pode legitimar a imbecil recusa de não me enviardes roupa. Se não houvesse loucos aqui não havia repugnância em utilizar os móveis da casa e não se daria o caso de pedir coisas da nossa tantas vezes. Mas este lugar não foi feito para os doidos: a esses põem-

-nos em Charenton e não aqui, e a infame avareza que os mantém nesta casa não devia ser aceite pela polícia, dado o risco que existe da doença poder transmitir-se aos que não a têm. Mas tudo tolera, esta polícia; só não tolera injúrias feitas a putas. Uma pessoa pode confessar-se culpada de todos os abusos e infâmias possíveis, desde que respeite o cu das putas: é essa a questão essencial e afinal bem simples – as putas pagam-lhes e nós não. Se calhar vai ser preciso, quando daqui sair, pôr-me sob a protecção da polícia: tal como as putas também eu tenho um cu e gostaria muito que mo respeitassem. Darei disso conta ao *senhor Fouloiseau*, que poderá mesmo beijá-lo, caso queira. Estou certo de que, enternecido por tal propósito, não deixará de me incluir na lista dos protegidos pela polícia.

Disseram-me que, aquando do vosso regresso a Paris (na altura em que me mandastes prender), foi essa a maneira que haveis escolhido para obter protecção. Em primeiro lugar era necessário saber se o dito cu tinha mesmo sido ultrajado, – porque a Presidente alegava que *eu ultrajava cus*. Por isso queria *um exame de perito*. Consta que disse, ela mesma, apenas isto: *Reparai, meus senhores, reparai, trata-se de um pequeno diabo cheio de vícios; é bem provável que ele, enfim... pode ser que... Há tanta libertinagem naquela mente!...* Nessa altura saísteis rapidamente. O magistrado Le Noir pôs os óculos, Albaret segurava na vela, os esbirros de Le Noir escreviam. E produziram o seguinte relatório:

*Item*, tendo sido levados, a pedido de *Marie-Madeleine Cordier*, por casamento *Montreuil*, ao referido Hotel da Dinamarca, solicitámos à mencionada *Pélagie du Chauffour*, sua filha, que levantasse os vestidos e, tendo efectuado o exame com a atenção exigida, concluímos estar a mencionada *du Chauffour* devida e convenientemente provida de duas

nádegas muito brancas, muito belas e absolutamente intactas. Aproximámo-nos o mais possível e fizemos com que os nossos meirinhos se aproximassem também do referido membro. Apesar dos riscos e dos perigos, eles entreabriram, afastaram, saborearam e aprofundaram e não tendo, tal como nós, encontrado senão matéria sã, lavraram a presente acta para servir em termos de direito, mais acrescentando que a referida observação permitiu obter a concordância da mencionada *Pélagie du Chauffour* em ficar às ordens do tribunal e, no futuro, sob a nossa firme protecção.

*Assinado:* Jean-Baptiste Le Noir, o patarata de Paris e auto-nomeado protector dos bordéis da capital e arredores.

Pois bem, não foi assim que tudo se passou? Confiai no que, como vosso amigo, vos digo. *Quanto ao mais* ou seja *como for*, se preferirdes, não me enviastes um quarto das coisas de que tenho necessidade.

Em primeiro lugar preciso de roupa branca com urgência, caso contrário começo a fazer as malas; quatro dúzias de merengues; duas dúzias de biscoitos dos grandes; quatro dúzias de pastilhas de baunilha com chocolate e não aquela porcaria que me mandásteis.

Que vem a ser isto das doze resmas de papel? Nunca pedi papel à resma: pedi-vos um caderno para substituir aquele em que estava a comédia que vos mandei. Enviai-me o caderno e deixai-vos de coisas, pois tudo isto já é bem desagradável. Não foi escrito para ficar a meio. Além disso, não será para já que há-de ver a luz do dia; quando chegar a altura, far-se-ão as correcções devidas mas nada deverá ser eliminado. São coisas que podem ser emendadas, comparadas, corrigidas mas nunca eliminadas.

Meu Deus, quando vos deixareis de coisas tão pouco

elevadas? Se tivésseis reconhecido nelas a possibilidade de algum sucesso, ainda vá; mas a que vos conduziram, ao fim de quase sete anos? Ousai dizê-lo. É então o meu mal que desejais? Que a minha cabeça se confunda? Se é esse o caso, deveis todos andar contentes, mas prometo por tudo o que há de mais sagrado na terra que vos farei pagar com juros todas as vossas farsas; declaro que vos hei-de enredar o espírito com uma astúcia que vos surpreenderá e que vos hei-de obrigar todos, seja qual for o seu número, a admitir que foram grandes imbecis. Confesso ter acreditado durante bastante tempo que o vosso *Le Noir* estava afastado de tais congeminções, mas o facto de ele continuar a tolerá-las prova bem que as partilha e convence-me de que não passa de um palerma da pior espécie, como os outros.

Não vos esqueci de mandar o gorro, os óculos, os seis pães de cera de abelhas, as *Confissões* de Jean-Jacques e a jaqueta que o Sr. de Rougemont assegura estar na vossa posse. Devolvo um romance fraco e o 4.º e 6.º volume de Velly<sup>24</sup>. Beijo-vos as nádegas e diabos me levem se não vou bater uma punheta em sua honra! Não contai de modo nenhum à presidente, pois é uma jansenista séria que não gosta que se *molinize*<sup>25</sup> uma mulher. Ela assevera que o Sr. Cordier nunca vazou senão no *vaso da procriação* e que quem se afastar do *vaso* deve ir arder no inferno. E eu que fui criado pelos jesuítas, eu a quem o Padre Sanchez ensinou que se deve *nadar no vazio*, porque, segundo Descartes,

<sup>24</sup> Paul Velly (1709-1759). A referência será à sua *Histoire générale de France*, obra parcial e inacabada e cujo primeiro volume foi publicado quatro anos antes da sua morte. (Ndt)

<sup>25</sup> Neologismo a partir do nome de Luis Molina (1535-1601), jesuíta espanhol defensor de uma hipótese teológica conciliadora da presciência de Deus com a energia humana e a sua vontade de liberdade. O *molinismo* foi, obviamente, atacado pelos jansenistas. Molina foi professor em Coimbra e Évora. (Ndt)

a natureza abomina o vazio, não posso concordar com a mamã Cordier. Mas vós sois uma filósofa; tendes uma maneira excelente de vos colocardes às avessas, estreita maneira de um proveito às avessas e de calor no recto, o que faz com que eu me encaixe perfeitamente em vós.

Vosso sou, na verdade, plenamente.

Logo que vos chegue esta carta, peço-vos que ides em pessoa ao Sr. Grandjean, o oculista da Rua Galande, ao pé da Praça Maubert, dizer-lhe para enviar directamente ao Sr. de Rougemont as drogas e os documentos que prometeu fornecer ao prisioneiro que veio visitar a Vincennes, e ide na mesma ocasião ver o vosso protector *Le Noir* para lhe dizer que faça com que eu possa apanhar ar puro. Pela razão simples de que ele o está a fazer, ele que é muito mais culpado do que eu. Dei uns açoites nuns rabos, sim, admito, mas ele obrigou a morrer de fome um milhão de almas. O rei é justo; que seja ele a decidir entre nós dois e que mande para o suplício da roda o mais culpado, por mim aceitaria.

Preciso, além disso, das coisas negligenciadas antes e das que acima indico, três quartilhos de água de Colónia, um galão para a cabeça e quartilho e meio de água de flor de laranjeira.

## A MADAME DE SADE

(Vincennes, cerca do 25 de Junho de 1783)

Gentil rainha, não há de facto nada mais divertido do que a insolência dos vossos escriturários. Se não se soubesse já com toda a certeza que os vossos números constituem enigmas (no que concordam, de resto, com a minha maneira de pensar), seria caso, em boa verdade, para um dia destes mandar os vossos escriturários apanhar umas chicotadas. Ah! Agora querem ser eles a determinar os meus dias! Que bela farsa! Sois vós, encantadora princesa, vós que ceais requintadamente com Madame Goupillé<sup>26</sup> (actualmente no hospital), sois vós, ia eu a dizer, que deveis monopolizar as horas dos Martin<sup>27</sup>, dos Albaret<sup>28</sup>, dos Fouloiseau e outros velhacos do género e que desejais que eu considere como cavalos de carreta, feitos para serem fustigados ou para servirem o público a qualquer hora e em qualquer dia.

Recusarem-me as *Confissões* de Jean-Jacques acaba por ser uma excelente coisa, sobretudo depois de ter recebido Lucrécio e os diálogos de Voltaire; prova grande discer-

<sup>26</sup> Não se sabe se se trata de nome ou apelido. (*Nef*)

<sup>27</sup> Amanuense da polícia. (*Nef*)

<sup>28</sup> Encarregado de negócios da presidente de Montreuil. (*Nef*)

nimento e judiciosa profundidade por parte dos vossos orientadores espirituais. Devo dizer que me sinto muito honrado por serem que um autor desta possa ser uma má leitura para mim; quem me dera estar ainda nessa fase. Não sois lá muito sublimes nos vossos métodos de cura, senhores mestres do espírito! Aprendei que é a fase em que se está que torna uma coisa boa ou má e não a coisa em si. Curam a febre dos camponeses russos com arsénico mas tal remédio não serviria para o estômago de uma mulher bonita. Eis a prova de que tudo é relativo. Parti desse princípio, senhores, e, mandando-me o livro que vos peço, tende o bom senso de compreender que Rousseau pode ser um autor perigoso para os obscuros tartufos da vossa espécie mas é uma excelente leitura para mim. Jean-Jacques é para mim aquilo que a *Imitação de Jesus Cristo*<sup>29</sup> é para vós. Considero a moral e o conceito religioso de Rousseau coisas de rigor e leio-as quando quero cultivar-me. Se não quereis que me torne melhor do que sou, pois está bem! Para mim o bem é estado de castigo e tortura e eu nada mais peço senão deixarem-me cá com as minhas ideias, sinto-me bem nelas. Imaginais, senhores, que a vossa *maneira de ver* deve servir e ser seguida por toda a gente; pois não tendes razão e hei-de prová-lo. Há milhares de ocasiões em que é preciso tolerar um mal a fim de destruir um vício. Apostaria, por exemplo, em como achais muito bem visto ter sido obrigado a uma abstinência atroz em relação ao *pecado da carne*. Pois estais enganados: haveis ataçado a minha mente, haveis feito com que eu tenha criado

<sup>29</sup> Obra de autor anónimo, século XV. Formada por quatro livros, a obra fornece conselhos para a vida interior e espiritual e tornou-se a base do movimento reformista *devotio moderna* (finais do séc. XIV), o qual se baseava na recusa da espiritualidade intelectualizada e na palavra simples, acessível a toda a gente. (Ndt)

fantasmas que preciso agora de materializar. Estava a passar mas agora voltou com mais força ainda. Quando a água ferve de mais ao lume acaba sempre por transbordar.

Se eu tivesse que tratar do *senhor da 6*<sup>30</sup>, ter-me-ia comportado de modo bem diferente: em vez de o mandar encerrar junto de antropófagos, punha-o ao pé de raparigas; ter-lhe-ia fornecido um número delas de tal forma elevado que diabos me levem se, nos sete anos que já leva, não havia de ter consumido todo o óleo da sua lamparina! Quando se tem um cavalo muito fogoso vai-se com ele a galope por terra lavrada, não se fecha numa estrebaria. Através dessa via, tê-lo-íeis posto no *bom caminho*, naquilo a que se chama o *caminho da honra*. Já chega de *subterfúgios filosóficos*, de investigações não autorizadas pela natureza (como se a natureza se intrometesse nessas coisas), de desvios *perigosos* de uma imaginação demasiado ardente e que, sempre atrás da felicidade sem nunca conseguir alcançá-la, acabam por erguer quimeras em lugar da realidade e *grosseiras perversões* em lugar de um gozo honesto... O senhor da 6, entre um harém, tornar-se-ia o *amigo das mulheres*; teria reconhecido e *sentido* que nada é mais belo e mais *elevado* do que o sexo e que fora do sexo não há salvação. Ocupado unicamente em servir as damas e em satisfazer os seus delicados desejos. O senhor da 6 teria até sacrificado a companhia dos seus. O hábito de ter apenas experimentado o que é legítimo teria acostumado o seu espírito a ultrapassar certas tendências que o tivessem impedido de dar prazer. Tudo isso acabaria por deixá-lo em apaziguamento; e era assim que, no próprio seio do vício, eu o teria reconduzido à virtude! Porque, mais uma vez, para um espírito de muitos vícios, um vício menor pode ser

<sup>30</sup> Referência ao número da cela que Sade ocupava em Vincennes. (Ndt)

considerado uma virtude. *Não se deve acreditar que é possível conseguir tirar um homem do abismo com um só puxão*; se o propuserdes, ele revoltar-se-á. Contentai-vos em fazê-lo adquirir gosto por coisas menos fortes, ainda assim do mesmo género das que formam os seus hábitos. A pouco e pouco retirá-lo-eis sem esforço da cloaca. Mas se o fizerdes precipitar-se, se pretenderdes arrancá-lo à viva força, apenas conseguireis irritá-lo mais. Um estômago habitua-se à dieta aos poucos; ficará destruído se o privarem de repente de alimento. É certo que há cabeças (conheço algumas assim) que estão de tal forma encravadas no mal que têm a infelicidade de ter por ele uma atracção que não permite, ao mais pequeno desvio, senão ficarem num estado penoso; dir-se-ia que ele lhes agrada, que para elas o mal é como um estado natural do qual nenhum esforço saberia retirá-las: seria necessária uma autorização do céu mas infelizmente o céu, para quem o bem ou o mal dos homens é uma coisa totalmente indiferente, nunca produz qualquer milagre a seu favor. Mais singular ainda é o facto de não se incomodarem com isso; ficariam desoladas se tivessem de ser outra coisa; todas as inquietações, todas as ansiedades, todos os cuidados que o vício comporta, em vez de constituírem um tormento para elas, são prazer; são como as exigências do amor por uma mulher: ficar-se-ia desolado por não se sofrer por ela. Sim, minha querida, na verdade de Deus vos digo que conheço cabeças assim. E como elas são perigosas! Oremos ao Eterno para que nos preserve de nos parecermos com elas e, a fim de obter as suas graças, rezemos ao deitar um *pater noster* e uma *ave maria* com uns quantos *oremus* em honra do senhor Saint [*nome apagado por mão estranha*] (É um sinal.)

Beijo-vos muito as nádegas.

Peço-vos que vos lembreis de que já me haveis mandado moela de vaca noutras alturas de tempo quente como agora está, tenho absoluta necessidade disso e suplico-vos firmemente que me envieis sem falta no dia 15 deste mês. E ao mesmo tempo dois gorros de noite, para não ter de ficar outra vez à espera: os mais fortes e escuros que encontrardes.

Mando-vos a medida de um estojo que peço para me fazerdes chegar, semelhante ao outro que me enviastes mas exactamente com estas proporções, sem diminuir ou aumentar uma linha, e com os parafusos colocados a três polegadas de distância. Não lhe mandai pôr um aro à volta ou moscas de marfim como naquele que me mandásteis, porque não gosto nada disso. Este estojo (com os orientadores espirituais que arranjastes é preciso explicar tudo...) é para guardar plantas, estampas e várias pequenas paisagens que fiz com tinta vermelha. Creio, na verdade que [*uma ou duas palavras rasuradas por mão estranha*] se fosse uma freira, deveria pôr [*várias palavras rasuradas por mão estranha*]. Recomendando que trateis deste assunto o mais cedo possível; tenho as plantas e os desenhos espalhados à minha volta e não sei onde pô-los.

Os que dizem que tenho aqui roupa suficiente enganam-se. Não tenho mais do que quatro camisas para vestir, não há lenços nem guardanapos. Mandai então o que vos peço e acabai com o humor deslocado acerca deste assunto. Mandai, mandai... vá! Tenho mais que tempo para usar isso tudo.

## A MADAME DE SADE

(Vincennes, princípio de Novembro de 1783)

Oh! Meu Deus! Como tem razão o Sr. Duclos<sup>31</sup> quando afirma nas suas *Confissões*, na página 101, *que as graçolas dos que usam toga fazem sempre lembrar as que se ouviam na universidade. Que ele me permita que eu vá um pouco mais longe e diga que fazem sempre lembrar as das antecâmaras dos quartos, as das piores antecâmaras*, pois decerto ninguém sofreria nas dos arrabaldes as imbecis baixezas que vossa mãe inventa com o seu *guarda-livros*. Assim jamais vos cansareis, assim haveremos sempre de ter até ao último momento piadas e gente da toga! Pois bem, enchei-vos disso. Usai até fartar. Faça mal em querer emendar-vos em relação a isto, tão injusto como aquele homem que insistia em querer provar a um porco *que um creme feito com água de rosas é melhor do que m...* Se me dais exemplos de tenacidade, ao menos não censurai a minha. Agarrai-vos aos vossos princípios, não é verdade? Pois eu agarro-me aos meus. Contudo, a maior diferença que se verifica entre nós é que os meus sistemas de pensamento se baseiam na razão, enquanto que os vossos não são senão fruto da imbecilidade.

<sup>31</sup> Charles Pinot Duclos (1704-1772), escritor francês. A referência é a *Confessions du comte* \*\*\* (grafado mesmo assim), de 1762. (Ndt)

A minha maneira de pensar, dizeis, não se pode aprovar. E que me importa isso? Louco será aquele que adopta uma maneira de pensar que sirva aos outros! A minha maneira de pensar é fruto das minhas reflexões; deve à minha existência, ao meu modo de ser. Não está na minha mão mudar isso; ainda que estivesse, jamais o faria. Essa tal maneira de pensar que criticais é a única consolação da minha vida; aligeira todas as penas da prisão, compõe todos os meus prazeres terrenos e quero-lhe mais do que à própria vida. Não é de forma alguma a minha maneira de pensar que me traz infelicidade, é a maneira de pensar dos outros. Qualquer homem racional que despreze os preconceitos dos idiotas torna-se necessariamente seu inimigo; deve saber o que o espera e rir-se disso. – Um viajante segue no bom caminho. Põem-lhe armadilhas. Ele cai nelas. Dizei-me: é culpa do viajante ou do celerado que as montou? Se, como afirmais, sacrificar os meus princípios e os meus gostos é o preço a pagar pela minha liberdade, então teremos de nos dizer um adeus definitivo, pois que em vez deles eu sacrificaria antes mil vidas e mil liberdades, se as tivesse. Tais princípios e gostos são por mim levados até ao fanatismo, e é a esse fanatismo que se prende a tirania de quem me persegue. Quanto mais prosseguem com os seus vexames mais raízes criam aos meus princípios e eu devo declarar abertamente que não é preciso que me venham falar de liberdade, se só ma oferecem pagando o preço da sua própria destruição. Digo-o a vós. Digo-o ao senhor Le Noir. Di-lo-ei a toda a gente. Mesmo com o cadafalso à frente, não mudarei. Se os meus princípios e os meus gostos não podem conciliar-se com a lei francesa, também não pedirei para ficar em França mais tempo. Há na Europa governos sabedores que não desonram as pessoas por causa

dos seus gostos e que não as mandam prender por causa das suas opiniões. Irei para lá viver e lá serei feliz.

Não são as opiniões ou os vícios dos indivíduos que prejudicam o Estado; são os comportamentos dos homens públicos, que só por si influenciam a administração em geral. Que um indivíduo creia em Deus ou não, que ele honre e venere uma puta ou lhe dê cem pontapés na barriga, nenhuma destas condutas manterá ou abalará a constituição de um Estado. Mas se o magistrado que tem o dever de zelar pelas provisões da capital dobra o preço das mercadorias, porque os fornecedores o exigem, se o encarregado da caixa pública deixa a sofrer aqueles que essa mesma caixa deve ajudar, porque faz reverter para si os juros, se o comandante de uma populosa casa real deixa morrer de fome os infelizes militares que o rei ali colocou, porque quer lá na família uma Quinta-Feira Santa de arromba, – de uma ponta à outra do Estado se repercutirá o choque de tal prevaricação; tudo se desagrega, tudo se degrada. Enquanto os especuladores vão triunfando, os outros apodrecem no cárcere. *Um Estado está à beira da ruína*, disse o chanceler Olivier<sup>32</sup> na sessão do parlamento presidida pelo rei Henrique II, *quando só souber punir o fraco e tornar impune, apenas devido ao seu ouro, o malfeitor endinheirado.*

Um rei deve corrigir os vícios do seu governo, refrear-lhe os abusos, mandar prender quem o engana e quem o rouba, em vez de reprimir as opiniões e os gostos dos seus súbditos! Esses gostos e essas opiniões, volto a dizê-lo, não abalam o seu trono mas as indignidades dos que estão à sua volta hão-de arruiná-lo mais cedo ou mais tarde.

<sup>32</sup> François Olivier (1493-1560), chanceler nos reinados de Francisco I e Henrique II. (Ndt)

Os vossos pais, dizeis-me vós, minha querida amiga, estão a tratar de papéis para que eu não lhes possa nunca pedir alguma coisa. Esta frase é tanto mais singular quanto prova a evidência *que ou eles ou eu* somos uns trapaceiros. Se me julgam capaz de lhes pedir mais do que o vosso dote, então o trapaceiro sou eu (mas não o sou; a trapaça não faz parte dos meus princípios, é um vício demasiado baixo); se, pelo contrário, eles estão a fazer com que os meus filhos não venham a ter aquilo que naturalmente lhes é devido, então os trapaceiros são eles. Optai, peço-vos, pois a vossa frase não admite hesitação. Optais pela segunda hipótese? Não me espantaria, bem como não me surpreende a dificuldade que tiveram em vos ver casada e o que exclamou um dos vossos pretendentes: *Quanto à rapariga, tudo o que for, mas os pais – nem pensar!* Não me espantaria que me quisessem pagar o vosso dote em títulos do tesouro e assim fazerem-me perder dois terços do valor; não ficaria admirado com o que diziam as pessoas que se interessavam por mim: *Tomai cautela, não sabeis com quem estais a lidar.* Nada surpreende da parte de quem se põe de sobreaviso para não pagar o prometido dote de sua filha; também há muito que eu punha já em dúvida se o facto de vos ter feito três filhos não iria arruinar-me. Foi decerto por causa disso que vossa mãe aqui tirou várias vezes de casa papéis meus. A poder de alguns luíses há-de agora levar as minutas aos notários e pedir a Albaret que falsifique alguns apontamentos; só me resta começar a pedir esmola quando daqui sair. – Pois bem, que fazer quanto a isto? Ficarão três coisas que me hão-de consolar: o prazer de informar o público, que não gosta nada das trapaças que os de toga fazem à nobreza, a esperança de poder dar conta de tudo ao rei, lançando-me aos seus pés, se necessário for, para lhe pedir reparação das

trapaças de vossos pais e, se nada disso resultar, a satisfação para mim tão agradável de te possuir, para *teu único benefício*, minha querida amiga, e de utilizar o pouco com que ficar nas tuas necessidades, nos teus desejos, no encanto único para o meu coração de ver que tens tudo de mim.

De Sade.

## A MADAME DE SADE

(Vincennes, fins de Novembro de 1783)

Deus seja louvado, até que enfim chega a carta *com as três questões*, por minha fé vos garanto que levou 9 longos meses a aparecer, já começava a impacientar-me. Preciso do estojo, tal como ia no modelo e só mesmo esse e o mais rapidamente possível – todos os livros que vos pedi estão disponíveis e é velhacaria das piores não me serem enviados, até porque, em boa verdade, é bastante estúpido e baixo poder-se embirrar com livros. De todas as grosserias dos *vossos orientadores* esta é sem dúvida a mais ousada.

No que diz respeito ao estojo, não compreendo de modo nenhum os vossos fastidiosos argumentos, qualquer comerciante faz caixas e pedir uma com as dimensões enviadas pode supor, no máximo, *largueza de vistas*, mas quanto a *loucura*... Nem sequer uma palavra pedida ao vosso primo Villette.

É preciso dizer ao comerciante que é um estojo para pôr rabos; – caudas – sim, rabos que são caudas e outros pequenos desenhos que me diverti a fazer com tinta vermelha, daí a necessidade de o ter, enviai-mo, peço-vos, porque na sua falta vejo-me obrigado a usar outra coisa, que danifica, rasga e faz quebrar os meus rabos, as tais caudas, e isso é bastante desagradável. Foi *por pudor* e para não vos

assustar muito que nos contentámos em pedir o estojo de 8 e 1/2 de cercadura, pois em rigor seria necessário um de 9, segundo a própria medida das minhas caudas. – Mas pensei cá para mim que era coisa para assustar aquela gente que já se assusta com tudo; fiquemo-nos pelo de 8 e 1/2.

Como quereis que eu possa apreciar as refutações ao sistema da natureza<sup>33</sup> se não me enviáis, ao mesmo tempo que as refutações, o livro refutado? É como querer julgar um processo sem observar as explicações dos dois lados. Haveis de convir que é impossível, ainda que esse sistema constitua a verdadeira base da minha filosofia e eu dele seja um seguidor até ao martírio, se tal fosse preciso, mas sendo contudo impossível, por há já sete anos dele não ler, dominá-lo o suficiente para poder apreciar as refutações; quero investigar para saber se tenho ou não razão mas para isso preciso que me forneçam os meios. Pedi a Villette que me empreste por apenas 8 dias, chega de disparates sobre o assunto, pois é mesmo grande disparate ser-me recusado um livro que aconselhei ao papa, um livro que é, numa palavra, uma pérola, um livro que devia estar em todas as bibliotecas e no pensamento de toda a gente, um livro que mina os alicerces e destrói a mais perigosa e a mais odiosa de todas as quimeras, a que mais fez com que se derramasse mais sangue sobre a terra e que todo o universo deveria concordar em abater e aniquilar para sempre, se acaso tivessem os indivíduos que compõem esse mesmo universo a mais pequena ideia acerca da sua felicidade e do seu bem-estar. No que me diz respeito confesso que me inclino a achar inconcebível que haja gente que ainda pense daquela maneira

<sup>33</sup> Nesta obra do barão d'Holbach (1723-1789) defende-se a teoria materialista/mecanista: «A matéria age por via das suas próprias forças e não precisa de nenhuma impulsão exterior para ser posta em movimento». (Ndt)

e estou mesmo convencido de que só por má fé o podem fazer. Ou então são imbecis, gente incapaz da mais leve aplicação de espírito e que não quer, ou não pode, dar-se ao trabalho de aprofundar seja o que for. O facto é que o teísmo não se sustenta um só instante perante o exame que lhe for feito e não é preciso ter estudado alguma vez o mais pequeno mecanismo da natureza para reconhecer que ela age por si só e sem nenhuma causa primária e que esta causa primária, nada explicando e, pelo contrário, querendo ser explicada, não passa do *nec plus ultra* da ignorância.

Bem, esta carta, não tenho dúvidas, ainda vai *prolongar* mais a minha detenção, não é verdade? Deveríeis contudo dizer a esses *prolongadores* que esse seu *prolongamento* vai dar em pura perda de tempo, pois mesmo que me deixassem aqui ficar – se dez anos fossem, não me tornaria pessoa diferente, acreditai – ou me quisessem matar, ou me aceitassem tal como sou, diabos me levem se alguma vez eu havia de mudar – como vos disse já, o burro está velho e não há esperança...–, eu, o mais honesto, o mais franco e o mais delicado dos homens, o mais indulgente, o mais benfeitor, o ídolo dos meus filhos, por cuja felicidade me lançaria ao fogo, levando às últimas consequências o escrúpulo de não querer corromper os seus costumes, nem estragar a sua mente, nem levá-los a adoptar, fosse de que maneira fosse, o meu sistema, adorando os meus pais – os meus pais verdadeiros, bem entendido –, os amigos que me restam e acima de todos a minha mulher, a quem não aspiro senão fazer feliz e com quem sinto o maior desejo de reparar muitas das incoerências da minha juventude – porque, efectivamente, *a mulher de cada um não foi feita para suportar uma coisa destas*, e esta é uma verdade por mim sentida e que lhe foi transmitida mais de 6 meses antes de vir para

aqui; ela pode confirmá-lo. São estas as minhas virtudes – bem como os meus vícios – orgulhosa ira –, tudo levando ao extremo, de um desajustamento do pensamento face aos costumes que não tem igual, ateu até ao fanatismo, eis em duas palavras o que eu sou, por isso, mais uma vez digo, matai-me ou aceitai-me tal como sou, porque nunca mudarei.

## A MADAME DE SADE

(Vincennes, 1783)

Uma vez que os bons procedimentos ficam gravados no meu coração pelo menos da mesma maneira que os maus, fui sem dúvida sensível à condescendência que tiveram para comigo logo que se declarou a infecção na vista, permitindo que o homem que se encarrega de mim ficasse um pouco mais tempo comigo enquanto como. Mas ao autorizarem isso, esqueceram-se de uma coisa essencial: *estabelecer o limite do que me é permitido falar e aquilo que me está vedado*. Não consentindo a minha mediocridade que eu me aperceba de tais limites, teria sido essencial que recebesse *uma norma* acerca deste assunto. Em vão atormento a cabeça à procura de temas de conversa triviais e desinteressantes e tenho sempre a infelicidade de deixar cair uma qualquer observação que, como bem sabeis, paga-se caro, isto sem ter dado alguma vez a minha palavra de honra em como deixaria aos outros a responsabilidade da minha vingança. Mas é preciso que, pelo menos, julguem que a dei. Por duas ocasiões pensei que me iam comer vivo, uma por ter perguntado *os nomes dos padrinhos do delfim*, a outra *se o cirurgião ia ter muita gente a jantar no dia da festa*. Como podeis ver, depois disto o melhor era mandarem-me uma lista das coisas que posso dizer, para que não corra o risco de deixar escapar perguntas da gravidade destas!

É nisto que reside o fulcro da questão. Para começar calhou-me, sempre o disse, um homem basto insolente; o sangue grosso e acre desse idiota exaspera-se e inflama-se ainda mais devido às duas razões seguintes: a primeira, a obrigação de ter de ficar ali comigo, isto é, ter de fazer uma coisa humana e decente, duas cruéis obrigações para um homem da sua lavra; a segunda, e é a causa do seu desespero, advém precisamente da simplicidade e do sangue-frio ou do pouco interesse da minha conversa. Nada digo que sirva *aos inquéritos*; nada indico que se preste *à delação*; não existe nada do que se possa chamar *arrancar um segredo*, daí que ele fique furioso e, não podendo *insolentizar* acerca de questões mais sérias, destila *recriminações* acerca das minhas misérias, o que não torna a minha vida fácil. Dizei-me, de resto, que quer ele dizer quando pergunta permanentemente: *Quereis tirar-me nabos da púcara?* Não compreendo, em primeiro lugar porque não podia estar mais longe de querer fazê-lo, em segundo lugar porque me parece coisa estranha e estúpida dizer-me *Quereis tirar-me nabos da púcara*. Se receia que lhos tirem, não será porque eles existem? Ei-lo então subitamente a admitir, pela estupidez da observação feita, duas coisas de que nunca duvidei: que se passa algo nos bastidores e que ele possui a senha que o pode decifrar. Vêde como são hábeis os que empregais! São deste calibre, sem tirar nem pôr. Estando tudo a ser feito para aviltar vossa mãe e para me aviltar a mim, ela mantendo-me no cárcere, eu feito alvo da zombaria do carcereiro, deveria ela então, no mínimo, houvesse ainda um resto de sentimento na sua vil alma, mandar entregar-me os remoques por gente responsável que, ao transmiti-los, pudessem recomendar maior delicadeza, mais decência e responsabilidade de que se deveria revestir, por sua honra e minha, o

trato deste infame assunto. Tais grosserias, contudo, vêm ter aqui a este homem já de si também grosseiro, através de um tratante ainda mais grosseiro, combinadas que foram por esses dois pândegos entre gargalhadas de riso, como é certo que acontece, e tornando-se uma espécie de divertimento para eles. Interrogai-vos como uma coisa assim pode ser levada a sério, como é preciso ser-se uma criatura de tal modo odiosa, de tal modo infame, para ter posto numa situação destas quem lhe é tão próximo! Raramente falo de baixezas como esta e sempre que o faço é com pesar, mas como ninguém está presente quando o homem age, e uma vez que ele pode dizer-vos o que lhe apetece, é bom que, de tempos a tempos, eu vos diga como as coisas se passam, a fim de que pelo menos vos seja dado julgar se está tudo a correr como desejais.

Hoje, por exemplo, bateram-me o colchão e roubaram-me uma quarta de lã. É sinal de alguma coisa? Se sim, haveis de dar-lhe gorjeta, porque não só desempenhou muito bem a tarefa como foi muito claro ao assegurar-me *de que não via necessidade do colchão ser batido ou que tivesse de ser dessa maneira*. Que raciocínio brilhante e imortal! Com gente desta não há meio termo, ou tenho de passar sem o que pedi ou pagar bem caro o mau serviço. Aqueles a quem dantes chamávamos em França *salteadores* não roubavam de modo mais impune os camponeses nem submetiam estes a uma lógica mais severa do que esta. Pode dizer-se que não existe semelhança mais perfeita; e chamam a isto casa de correcção! É entre vícios dos mais grosseiros e dos mais baixos que querem que um infeliz preze a virtude! É por não ter respeitado o cu de uma puta que ele se arrisca a deixar de ser amado pelos filhos, porque deles o separam, arrancado que foi dos braços de sua mulher, da

orientação das suas terras, e também roubado, arruinado, desonrado, destruído, não podendo industrializar os filhos na vida mundana nem voltar ele próprio a tal vida, alvo da zombaria e bombo de festa de um bando de farsantes, pasto para mais três ou quatro celerados, a perder tempo e a perder saúde e dinheiro, fechado há sete anos, como se fosse um louco, entre barras! E tudo porquê? Que causas podem conduzir a tão grave punição? Traiu ele o Estado? Engendrou ele modo de atentar contra os dias da sua mulher, dos seus filhos, do seu soberano? De forma alguma; mas a esse respeito nem uma palavra. Para sua infelicidade achava nada haver menos respeitável do que uma puta e que a maneira como cada um delas se serve é tão natural como o acto de evacuar. Não há dúvida de que a isto se chama erros e erros graves, dos que podem levar um homem à ruína.

Se fossem dizer ao rei de Achem<sup>34</sup>, a quem servem setenta concubinas que levam três ou quatro centenas de vergastadas à mais pequena falha e que treina sobre as suas cabeças o seu sabre de guerra, ou ao imperador de Golconde<sup>35</sup>, que se passeia no dorso de doze mulheres dispostas como um elefante e que imola outras doze sempre que mata um príncipe do seu sangue, se, como eu ia a dizer, fossem dizer a esses senhores que há um pequeno recanto da Europa onde um *negro homem*<sup>36</sup> paga todos os dias a três mil debochadas para obter informações sobre o modo como os cidadãos do tal pequeno recanto (gente que se afirma *muito livre*) dão curso à sua matéria espermática; se

<sup>34</sup> Região na ilha de Sumatra, Indonésia. (Ndt)

<sup>35</sup> Região na Índia. O império, de luxo, riqueza e ostentação senhorial, durou até 1687. (Ndt)

<sup>36</sup> O eufemismo metonímico refere-se a Le Noir. (Ndt)

lhes fossem dizer que há sempre celas e cadafalsos preparados para alguns dos tais *muito livres* que não percebem o grande crime que é abrir as comportas da direita mais do que da esquerda; ou ainda que a mais pequena excitação mental num momento como esse, em que a natureza nos quer mesmo excitados e de que o negro homem nos quer distantes, é punida com a morte ou com prisão entre doze e quinze anos; se, como dizia, fossem contar isso aos reis que acabei de citar, haveis de convir que estes teriam por seu turno todas as razões para mandar para um asilo de loucos o orador... Mas tal gente está longe de ser civilizada, não tem a felicidade de ter sido iluminada pela luz do cristianismo, são escravos e nós, pelo contrário, nós somos *muito cristãos, muito civilizados e muito livres*.

Ó tu que fabricaste esta pequena bola redonda e de tanto mal, tu que de um só fôlego terás posto na imensidão do espaço dez biliões iguais à nossa, tu para quem a perda desses dez biliões nem sequer um suspiro te tiraria, como te deves divertir com todas as imbecilidades das pequenas formigas que te apeteceu espalhar nos teus globos, como deves rir do rei de Achem que vergasta setecentas mulheres, do imperador de Golconde que as usa como cavalos da malaposta e do negro homem que exige que se mantenha a cabeça fria quando se deita cá para fora a l...! Boa noite, doce esposa.

## A GAUFRIDY

(Paris, fins de Maio de 1790)

Já há muito me apercebera de algo na conduta de Madame de Sade, quando me vinha ver à Bastilha, que me causava inquietação e desgosto. A necessidade que eu tinha dela fez com que o dissimulasse mas a verdade é que tudo no seu comportamento me alarmava. Notava-lhe claramente instigações de confessor e, para dizer a verdade, percebia bem como a minha liberdade havia de ser também o momento da nossa separação.

No 4 de Julho, por causa de uma pequena agitação que provoquei na Bastilha para manifestar o meu descontentamento quanto ao modo como era tratado, o governador queixou-se ao ministro<sup>37</sup>. Eu inflamava, através da minha janela, a mente do povo, chamava-o para perto dessa mesma janela, avisava-o dos preparativos que se iam fazendo na Bastilha, exortava-os a deitar abaixo esse monumento ao horror... Tudo isso era verdade. Fizeram-me transferir para o convento dos Frades da Caridade, no qual aqueles celerados dos Montreuil tiveram a crueldade de me deixar penar nove meses entre malucos e epilépticos, os únicos a quem aquele lugar se destinava. Um pouco mais

<sup>37</sup> Da carta do dito governador ao ministro, segundo Sade: «Se o senhor de Sade não abandonar esta noite a Bastilha, não responderei ao rei pela sua segurança.» (Ndt)

de liberdade ali do que noutros sítios pôde mesmo levar-me à descoberta de que só a avareza dos monges me prendia e que me bastava dizer-lhes com firmeza que queria sair para me abrirem as portas. E foi o que eu e meus filhos fizemos. Fiquei livre e isso muito antes do veredicto do rei acerca das cartas timbradas, como dei conta numa carta ao senhor Perrotet e para a qual vos remeto. Mas prossigamos. Há coisa mais indigna para um homem, na sua própria terra natal, junto de sua mulher e dos parentes de sua mulher, do que ver-se transferido de uma prisão com alguma decência para outra sem decência absolutamente nenhuma e sem que alguém tivesse sido informado de nada? Confessai que haverá nisso, das duas uma, ou ruindade ou desleixo. Mas não é tudo. Quando saí da Bastilha, na noite de três para quatro de Julho, de acordo com o velho costume do despotismo ministerial, não me deixaram levar nada comigo. Saí tão nu como a palma da mão e todos os meus haveres, ou seja, móveis, roupa de vestir e roupa de cama, no valor de mais de cem luíses, seiscentos livros, alguns bem caros e algo cujo valor não se pode medir, *quinze volumes manuscritos das minhas obras*, prontos para impressão, ora todos esses haveres, dizia eu, foram selados por ordem do comissário da Bastilha, enquanto Madame de Sade *jantava, ia à retrete, confessava-se e adormecia*. Por fim, no dia quatorze de Julho de manhã, lá achou que estava na altura de tirar os selos e de mandar os meus haveres... e eu a continuar nu (felizmente que fazia calor) e a vegetar no meio dos malucos. Por azar, o dia em que ela decidiu sair da letargia foi precisamente aquele em que o povo invadiu em peso a Bastilha e assassinou o governador e todos os oficiais que se opuseram à entrada; todos os meus haveres foram pilhados. Pergunto-vos, meu caro advogado, se não é uma

monstruosidade tal conduta, se, tendo ela tido dez dias para fazer as coisas, Madame de Sade pode estar isenta das culpas de me ter deixado roubar... e logo manuscritos pelos quais deito todos os dias lágrimas de sangue... obras que me dariam toda a satisfação... cuja feitura me serviu de consolo durante o tempo de prisão e que, tornando menos amarga a minha solidão, me fez pensar: «Pelo menos não perdi o meu tempo!» Perdoai, meu bom e querido amigo, por não me alongar muito nesta questão; dilacera o meu coração de forma tão cruel que o melhor que tenho a fazer é esforçar-me por esquecê-la e não falar dela a ninguém. Ainda pude salvar alguma coisa nos sítios para onde deitaram os papéis da Bastilha, mas nada de importante... coisas sem valor, nem um só texto mais consequente. Oh! Não posso, meu Deus, não posso continuar! É a maior desgraça que os céus me puderam reservar!... E quereis saber qual o bálsamo que a virtuosa e sensível Madame de Sade arranjou para esta ferida? Ela que tinha tantas obras minhas... manuscritos que clandestinamente lhe passara aquando das suas visitas; agora recusa-mos... diz que, temendo que me prejudicassem (porque escritos com demasiada firmeza) na altura da revolução, os confiou a umas pessoas e que estas queimaram uma parte deles!... Ferve-me o sangue quando oiço tais respostas!... Mas como não sou quem tem mais poder, tenho de aceitar tudo e calar-me. A celestial dama de quem tenho a honra de vos estar a falar não se ficou por aí nos seus actos de bondade. Mal me soube cá fora, obrigou-me a assinar um termo de separação... e é esse documento que eu gostaria que fosse lido por vós. Todas as infâmias ditas contra mim nos cabarés ou nas casernas, publicadas nos almanaques e nos jornais mais ordinários, formam a base desse belíssimo exercício; as in-

decências mais horríveis encontram-se aí escandalosamente inventadas... caluniosamente relatadas. É, numa palavra, um monumento de horrores, mentiras e vilanias, e cuja grosseria e obscuridade está ao nível do modo baixo e irracional como está escrito. E, perguntais vós, ninguém se opôs, ninguém se manifestou? Nem uma só alma, meu caro advogado! Fui aconselhado por três ou quatro pessoas a esquecer este monumento à impudência e a não responder. Segui os seus conselhos. Dizei-me se procedi bem ou mal. Posso vir a ser condenado devido aos meus vícios, separado de corpo e de bens, mas arruinado nunca, espero eu. Ninguém pode tocar nos meus bens. Sem dúvida que terá de fazer-se um acerto de contas para deduzir a importância do dote mas espero que isso não me impeça de ficar com alguma coisa para viver e que, graças aos vossos cuidados, os meus negócios na Provença dêem para evitar que me dedique à esmola. Como vêdes, meu caro advogado, tudo isto me obriga, mais do que nunca, a solicitar os vossos cuidados face a tão modestos negócios. Mas já chega de falar deste assunto; nada se deu ainda por concluído, nada terminou; aguardemos. Só para acabar de vos pintar o quadro da minha situação e dar-vos, enfim, algumas rosas depois de tanto espinho, devo dizer-vos que estou alojado em casa de uma senhora encantadora, também ela uma infeliz que sabe compreender os que passaram pelo mesmo. É uma mulher com múltiplas faculdades e talentos, separada do marido como eu de minha mulher. Cumula-me de gentilezas e tenho de dizer que, quando por vezes vou até à sua propriedade no campo para me distrair um pouco, sem que haja entre nós, seguramente, outro sentimento que não a amizade, não há uma única vez em que esteja com ela que me lembre das minhas desgraças. É para sua casa que me

tendes mandado as cartas. É mulher de um presidente do Parlamento de Grenoble e tem quarenta anos. Sublinho esta última circunstância para vos lembrar que comigo, já com os meus cinquenta, a soma dos dois perfazendo exactamente noventa, não pode haver qualquer perigo. Além disso, tenho recebido gentilezas várias por parte dos meus parentes. A senhora condessa de Saumane, primeira dama de honor de Madame Elisabeth, irmã do rei e os senhores conde e condessa de Clermont-Tonnerre cumulam-me de amabilidades e gentilezas. Reencontrei alguns antigos conhecimentos, algumas amigas. Deles recebo cortesias, que também cultivo, tudo entre a maior paz, a maior tranquilidade e a mais estóica filosofia... Basta de prazeres impuros, meu caro advogado, basta de disseminhança, agora desgosta-me tudo o que dantes me excitava. Apercebo-me de que o estado em que nos encontramos tem muito a ver com essas coisas. As minhas forças físicas vão suportando com dificuldade todos os males de que padeço. São de toda a espécie, tosse e males nos olhos, no estômago, na cabeça; reumatismos vários e sei lá que mais. Tudo isso me cansa a tal ponto que, Deus seja louvado, não me permite pensar em mais nada, o que me torna quatro vezes mais feliz. Em casa desta senhora ocupo um pequeno apartamento pelo qual pago cem dinheiros ao ano; mal me posso mexer lá dentro mas sinto-me com uma vida decente e agradável: boas vistas, bons ares, bom ambiente. Fico aqui a aguardar calmamente a chegada da Primavera, vou depois ver-vos, com toda a certeza, e levo os meus dois filhos.

Em geral haveis de verificar como os meus filhos são delicados, corteses e argutos, mas também algo distantes. Não são como eu, não os vejo a entrar na casa de um

pobre, em La Coste, para saber das suas capacidades, do seu ganha-pão ou da sua família e assim não hão-de fazer-se amados. É com dor que o digo mas eles têm no sangue a arrogância dos Montreuil e eu preferia que tivessem a energia dos Sade. O cavaleiro conhece a Provença às mil maravilhas. Falou-me muito de vós. Oh, como tendes razão, meu caro advogado, quando dizeis *que o acto mais soberano consiste em viver independente dos outros!* Todavia, o contacto social é necessário, pude senti-lo durante a minha reclusão e, deixando um pouco de lado a minha misantropia, sinto que preciso de me expandir. O desespero de não ter podido comunicar as minhas ideias durante doze anos fez com que elas se fossem acumulando em tal quantidade na cabeça que precisam agora de ser dadas à luz, vezes havendo em que falo sozinho em voz alta quando ninguém está por perto. Falar tornou-se uma verdadeira necessidade, quando senti isso percebi que a Trapa<sup>38</sup> nunca me conviria. A propósito, temo-la agora nos palcos franceses, a Trapa. Depois de nos terem dado cardeais no *Carlos IX*<sup>39</sup>, freiras na comédia *O Convento*, é a vez de nos darem *O Conde de Comminges*, drama do senhor d'Arnaut, que é passado na Trapa. Os actores são todos monges e a única decoração é um cemitério e cruces. Fica-se sem fala perante isto, tanto que nos tornámos ingleses... que digo eu? antropófagos!... canibais!...

<sup>38</sup> Abadia que deu o nome à Ordem dos Trapistas, ainda existente. (Ndt)

<sup>39</sup> *Charles IX ou l'Ecole des rois*, de seu título completo, de Marie-Joseph Chénier (1764-1811). A tragédia, fundamentalmente uma crítica à realeza e à nobreza, estreou em 1789, pouco antes da revolução. (Ndt)

## A GAUFRIDY

(Paris, 19 de Novembro de 1794)

Não consigo exprimir-vos, meu caro cidadão, o prazer que experimentei ao receber a vossa carta. Estava precisamente a jantar quando a recebi por intermédio de uma pessoa de Avignon, a qual me assegurou, no exacto instante em que ma entregava, que estáveis bastante longe de Apt e que era provável, por muito que me custasse, não vir a ter notícias vossas durante bastante tempo. Podeis imaginar, de carta na mão, quão enérgico foi o meu desabafo.

Eis-vos enfim de regresso aos vossos deuses Penates e eu espero que não volte a ser preciso abandoná-los nunca mais. Creio que podemos ter todos a certeza de que a tranquilidade voltou e em definitivo. A morte dos celerados tirou-nos de cima as piores nuvens e a paz de que vamos usufruir há-de fazer cicatrizar todas as nossas feridas.

E também eu, meu caro cidadão, estive encarcerado. Ousaram cometer contra mim a injustiça de considerarem *um perigo para a nação* aquele que o regime ministerial encarcerou durante nove meses em Charenton como *um perigo para o rei*. É uma dolorosa contradição para qualquer alma justa e sensível mas enfim, já tudo passou e eu já não penso mais nisso. Ao autorizar-me a permanecer em Paris e a manter o meu título, devido às minhas *obras patrióticas*, o

comité de instrução pública ressarcio-me de todos os males que os celerados provocaram em mim. Nesses dez meses conheci quatro prisões<sup>40</sup>; na primeira dormi seis semanas nos lavabos; na segunda passei oito dias com seis pessoas atacadas de febre maligna, tendo duas morrido mesmo à minha beira; a terceira, durante a contra-revolução de Saint-Lazare, era infecto veneno e só através de uma prudência extraordinária eu consegui escapar; finalmente a quarta era um paraíso terrestre. Casa belíssima, jardim soberbo, companhia da melhor, mulheres gentis. Mas de repente a praça das execuções passou a ser mesmo por baixo da nossa janela e o centro do nosso jardim, tão belo, tornou-se o cemitério dos guilhotinados. Em trinta e cinco dias, meu caro amigo, enterrámos mil e oitocentos, dos quais um terço estava naquela casa connosco. O meu nome tinha já sido posto na lista, para ser executado a onze, quando a espada da justiça, na véspera desse dia, se abateu sobre o novo Sylla<sup>41</sup> de França. A partir desse momento tudo se tornou mais pacífico e, devido às ardentes e instantes diligências da gentil companhia que partilha o meu coração e partilha a minha vida desde há cinco anos, fui finalmente posto em liberdade no dia vinte e quatro do último Vendemiário<sup>42</sup>.

Mas onde diabo haveis estado, meu caro advogado? A vossa carta não me deixa perceber, de modo nenhum, se a vossa retirada foi forçada ou voluntária, peço-vos que me elucideis quando for possível. Nem me dizeis quem seja este Goupilleau de quem estais à espera; se não partiu ainda, eu

<sup>40</sup> A de Madelonnettes, a de Carmes, a de Saint-Lazare e a de Picpus. (Nef)

<sup>41</sup> Referência a Robespierre. Sylla (138-78 a.C.) foi um cruel general romano. (Ndt)

<sup>42</sup> Primeiro mês do calendário republicano, instituído a partir de 1789. Começava a 21, 22 ou 23 de Setembro e terminava a 21 ou 22 de Outubro. (Ndt)

poderia vê-lo e falar-lhe de vós. A minha detenção acabou por me dar amigos na Convenção e sentir-me-ia lisonjeado se pudesse usar de influências em vosso benefício. A minha amiga, animada pelos mesmos sentimentos que eu e conhecendo alguns deputados, anseia por ser-vos útil no que for preciso. Podeis dispor de ambos. Há dois Goupilleau na Convenção mas não dizeis qual tem a ver com o vosso caso. É medonho terem vendido todas as vossas colheitas. Na verdade, essa gente comportou-se connosco como teriam feito os antropófagos.

Felicito-vos por saber que a senhora vossa esposa e os vossos queridos filhos se encontram em liberdade. Vá, coragem, tudo se há-de recompor até ao mais pequeno pormenor, depois só pensaremos nos nossos males quando quisermos assustar os sobrinhos.

Tomei conhecimento, com bastante pesar, da morte do nosso amigo Reinaud. Chorei-o com sinceridade. Vou retomar o processo de perdas e danos relacionado com a pilhagem de La Coste.

Para primeira carta creio que já vai longa, mas era preciso recuperar do tempo perdido e sobretudo saudar o nosso reencontro. Para mim é, posso assegurar-vos, a coisa mais agradável que me acontece desde há muito, pois era possível, sob o reino da injustiça, que só um de nós pudesse sobreviver. Mandai-me a lista das vítimas do vosso cantão, pelo menos as que eu conheço.

Não tenho notícia de minhas tias nem de minhas primas.



UMA CADEIA ESPIRITUAL

UM BANQUETE INTERMINÁVEL

DO CATÁLOGO

relançamentos

*Sião*

antologia de poesia portuguesa contemporânea  
org. e notas de Al Berto, Paulo da Costa Domingos, Rui Baião  
prólogo de Alexandre Melo  
capa de Pedro Calapez

*Depósito Legal n.º 23571/88*

volume colectivo de  
Pedro S. Costa, Paulo da Costa Domingos, Al Berto,  
Carlos Ferreiro, Helder Moura Pereira, Fala Mariam, Rui Baião

*A Roda da Fortuna*

Asger Jorn  
trad. Helder Moura Pereira

*Banalidades de Base*

Raoul Vaneigem  
trad. e apresentação de Celeste Viriato

livros com menos de dezoito meses

***Prometeu Agrilhoado***

atribuído a Ésquilo

trad., prefácio e notas de Eduardo Scarlatti

***A Espuma dos Dias***

Boris Vian

trad. revista, apresentação e notas de Aníbal Fernandes

pedidos para

Apartado 50258  
1708 Lisboa Codex  
Portugal

«em duas palavras o que eu sou»

de Donatien Alphonse François de Sade foi traduzido e anotado por Helder Moura Pereira (© para o texto em português) a partir do volume *Lettres Choisies* (Union Générale d'Editions, Paris 1970) • nas guardas reproduz-se o fragmento de uma carta do autor onde é visível o texto escrito a limão escondido entre as linhas do texto a tinta preta • capa de pcd • fotolitos Textype • 750 exemplares impressos durante o mês de Maio, 1996, na IAG, Artes Gráficas, Ld.<sup>a</sup> depósito legal n.º 100336/96

J'ai vu en très exactement la  
maudite maison. Ce qui pôt  
que tu m'indiquas elle me d  
l'espaler, ne laisse pas que de b  
attendant. De temps en temps  
de la prison No 4: Je  
le trait plus possible de J  
je vois bien que vous vous  
ont en pour soumettre de  
une, et que cet jusqu'au bout  
aime mieux que vous travail  
petit persiflage aussi de pla  
étrange que de le laisser sub  
cellement pas fait pour vous  
comme vous raisiez cet etc  
grande de ma part. Pourquoi  
ce soir quand ce fatal in  
vous finies dire et faire il  
vint cruel. Vous voyez  
vous pardonner votre veche  
un bonnet et on se vous par bit  
out prouve que vous le savez.  
Et vous dites que dans cette let

São estas as minhas virtudes – bem como os meus vícios – orgulhosa ira –, tudo levando ao extremo, de um desajustamento do pensamento face aos costumes que não tem igual, ateu até ao fanatismo, eis em duas palavras o que eu sou, por isso, mais uma vez digo, matai-me ou aceitai-me tal como sou, porque nunca mudarei.



ISBN 972-8351-25-9



9 789728 351250